

O Ministério do Turismo, a Compreender Consultoria em Responsabilidade Social, a VLI e a Secretaria Municipal de Educação de Montes Claros apresentam

PROGRAMA
**INVENTÁRIOS
PATRIMONIAIS**

**Apostila para consulta dos professores parceiros
do PROGRAMA DE PESQUISA**

Montes Claros / MG
2021

Expediente do Projeto

Coordenação Técnica e texto: Mônica Botelho Maldonado

Coordenação Geral e texto: Carlos Augusto Mitraud

Produção: Laudiene de Figueiredo Alcântara

Direção Administrativo-financeira: Lais Alamy Botelho

Capa, expediente e contra capa: 22 Graus Comunicação e Marketing

Revisão: Denise Werneck

APOIO:



PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO



Caro professor,

O **Programa Inventários Patrimoniais** pretende efetivar ações pedagógicas consolidadas por professores e alunos de escolas públicas de cidades do estado de Minas Gerais, visando contemplar os seguintes objetivos:

- I. realizar um estudo sobre Patrimônio Cultural, identificando referências ou bens culturais na localidade;**
- II. registrar os achados da pesquisa em Fichas do Inventário Pedagógico;**
- III. produzir um relato de experiência que será publicado em revista virtual.**

Os objetivos I e II são vislumbrados por meio do trabalho desenvolvido pelos alunos sob a orientação dos professores ou pela elaboração de um projeto por parte dos docentes. ou serão o elemento norteador de um projeto por parte dos docentes. O objetivo III derivará da vivência e dos resultados aferidos pelos professores participantes do programa.

O presente texto encontra-se organizado em prol das concepções e iniciativas necessárias ao alcance dos três objetivos. É conveniente observar, contudo, que o **relato de experiência** deverá abranger a descrição completa do planejamento, execução e avaliação, junto a seus alunos, de cada uma das ações concretizadas ao longo do programa. Isto pressupõe o registro sistemático das etapas da pesquisa por parte do professor ou grupo de professores responsáveis pela execução de cada projeto, favorecendo a elaboração dos relatos após a conclusão do trabalho. Sugerimos utilizar um **diário de bordo** para fazer essas anotações, além de montar um arquivo com imagens, documentos e outros elementos que poderão vir a compor o produto final.

PESQUISA E REFERÊNCIAS CULTURAIS

Por que propor um estudo sobre Patrimônio Cultural a partir da identificação de referências culturais locais? Para responder a esta pergunta, que traduz a essência do programa, será necessário iniciar nosso estudo pelos temas **pesquisa e referências culturais**.

*É preciso sair da ilha para ver a ilha.
Não nos vemos se não saímos de nós.*
(José Saramago)

O que é uma pesquisa escolar? Como se pesquisa na escola? Para quê se pesquisa? Podemos dizer que o ato de pesquisar permite aos alunos transitar entre a sala de aula e o mundo. E o mundo é vasto, há tudo nele. Portanto, é preciso saber direcionar o olhar que lançamos ao universo. O bom pesquisador sai a campo com perguntas pré-determinadas, à procura de respostas apropriadas. Essas perguntas, porém, só terão sentido se vierem dos alunos, nascidas de suas dúvidas, dos problemas que eles construirão para tentar entender melhor a realidade que os cerca.

Então, como levar o aluno a problematizar os fatos? Como fazê-lo desnaturalizar a realidade, saindo de si, conforme disse José Saramago? Elevar o aluno ao patamar de autor de suas questões pessoais, e ajudá-lo a se tornar um cidadão que busca e constrói o próprio pertencimento a um espaço físico e social, são desafios colocados para a escola.

A promoção da cidadania, assim como uma gestão democrática, demanda dos atores escolares a disposição constante para a interação. A realidade é complexa; necessita ser analisada sob uma perspectiva holística e interpretada mediante a colaboração mútua dos indivíduos. Uma forma de intervenção que tem se revelado eficiente é fazer com que a escola – professores, alunos e a comunidade do entorno – problematize sua realidade. Problematizar não significa apenas apontar aspectos negativos (comumente relacionados ao termo ‘problema’).

Problematizar é refletir, questionar e, principalmente, buscar soluções, respostas e modos de remodelar o mundo.

O **Programa Inventários Patrimoniais**, conforme o nome indica, pretende levar os estudantes a elencarem e examinarem o universo patrimonial das localidades onde vivem. E o caminho indicado para esta pesquisa é a identificação de referências culturais locais que, de acordo com designação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),

São edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentidos diferenciados: são as consideradas coisas belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura.¹

As referências culturais² dividem-se em cinco categorias: **Lugares, Objetos, Celebrações, Formas de Expressão e Saberes**.

São considerados **lugares** os territórios ou parte deles que têm significados especiais para indivíduos ou grupos sociais. Esses significados costumam estar associados à forma como o território é utilizado ou valorizado por um determinado grupo; são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial a um lugar. Pode ser um bosque, um rio, um sítio arqueológico, uma praça, uma construção ou mesmo um conjunto de elementos (uma paisagem inteira).

Paisagens culturais são territórios nos quais a interação do homem com o ambiente cria marcas e características singulares. Exemplos de paisagem cultural no Brasil: as relações entre o vaqueiro e a caatinga, o candango e o cerrado, o boiadeiro e o pantanal, o gaúcho e os pampas, o seringueiro e a Floresta Amazônica.

Os **objetos** são coisas que utilizamos em nosso cotidiano, e podem estar em nossas casas, nas ruas, na escola, nos locais de culto, em bibliotecas, coleções particulares etc.

¹ *Inventário Nacional de Referências Culturais* – Manual de Aplicação (IPHAN, 2000, p. 8).

² As informações sobre referências culturais foram adaptadas do *Inventário Nacional de Referências Culturais* – Manual de Aplicação (IPHAN, 2000) e integram esta apostila como **ANEXO I**.

Estão sempre vinculados a quem os utiliza ou a uma época em que foram considerados importantes – o que lhes confere valor simbólico e destaque, mesmo que estejam obsoletos ou em desuso. Podem ser barcos, carroças, carros de boi, ferramentas, utensílios domésticos etc.

Há ainda os objetos criados com uma intenção artística, como um desenho, uma escultura, um filme. Mas certamente a principal característica de qualquer objeto é poder ser deslocado de um lugar para outro; por tal razão, são conhecidos como **bens móveis**.

As **celebrações** sintetizam-se em circunstâncias especiais quando as pessoas se reúnem por razões diversas. As celebrações podem ser religiosas, para comemorar datas ou ocasiões relevantes para o local, a cidade, o estado ou o país (tais como aquelas relacionadas aos ciclos produtivos) e também ocorrem em função do lazer e da comemoração de momentos únicos, como os rituais de passagem para a vida adulta de alguns povos indígenas, festas de casamento, bodas etc.

Essas manifestações transcorrem de modo típico, e a elas se dá o nome de **formas de expressão**. Nelas estão presentes os valores e significados da cultura de um grupo, fazendo parte de todos os momentos da vida coletiva.

As comunidades têm inúmeras maneiras de expressar sua cultura e, para tanto, utilizam recursos como: linguagem visual – pintura, escultura, fotografia, filmes, artesanato etc.; linguagem corporal – dança, teatro, procissão, entre outros exemplos; expressão literária – textos escritos e narrações orais (lendas, provérbios, cânticos, adivinhações, orações, cordel...).

As formas de expressão agregam sentidos diferentes. A Folia de Reis é uma manifestação religiosa, enquanto um protesto normalmente possui caráter político. Já o movimento *hip-hop* envolve três pilares distintos e complementares: o *break*, o *rap* e o grafite.

Por fim, os **saberes** designam formas próprias de produzir um bem ou de realizar um dado serviço, como a receita de uma comida, ou uma técnica particular utilizada para tocar/confeccionar um instrumento musical. Podem ter sentidos práticos ou ritualísticos e, às vezes, reúnem as duas dimensões. É o caso das práticas relacionadas à cura, presentes nas benzeduras ou pajelanças.

Alguns saberes e práticas explicam muito a história de uma comunidade. Aquelas que têm um forte vínculo com o campo, por exemplo, podem ter como referência cultural o ofício de vaqueiro ou de aboiador. Há coletivos que inclusive mantêm práticas das populações que habitavam o território tempos atrás. Algumas práticas são comuns a muitos lugares, mas se

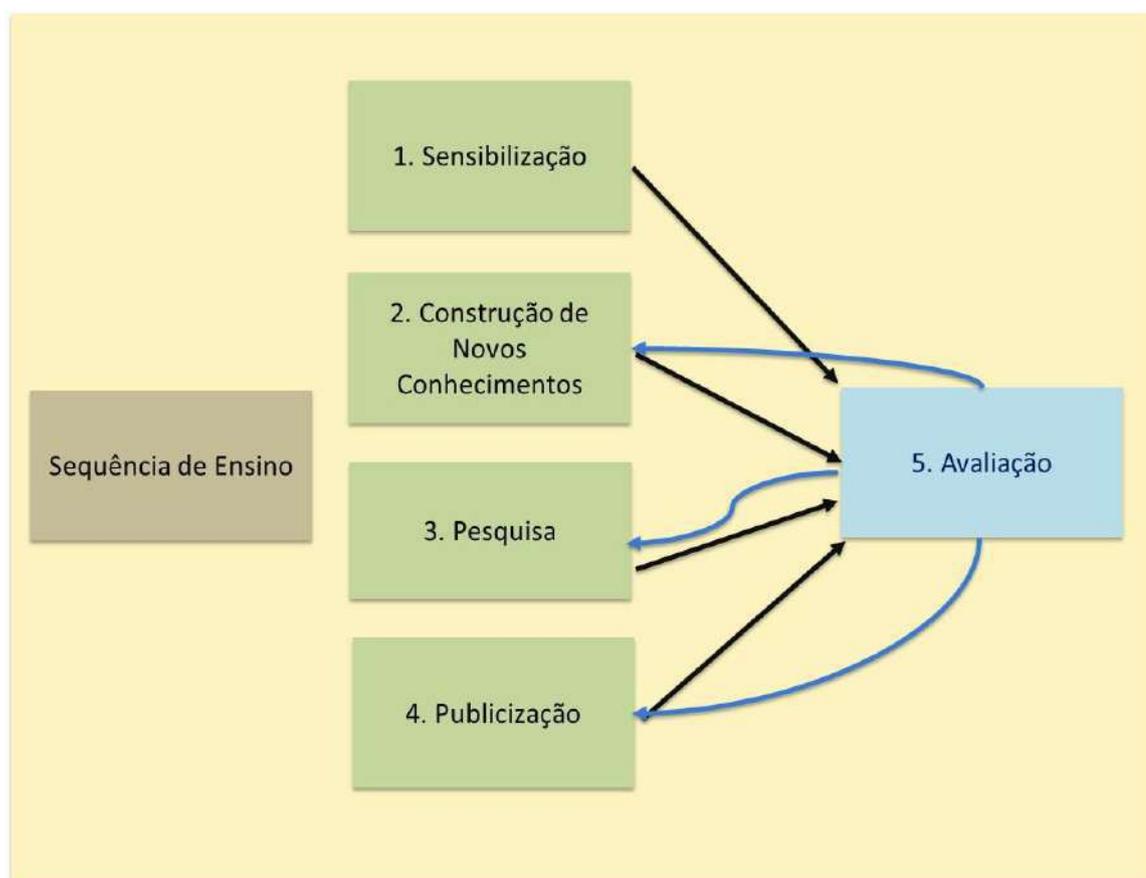
desenvolvem de maneira inerente a cada local, como os cultivos da mandioca ou a destilação de cana.

Diante do exposto, o trabalho do professor, ao longo da pesquisa, será direcionar o olhar dos alunos para que percebam, investiguem e identifiquem as cinco categorias de bens ou referências culturais na localidade em que vivem.

Este percurso exige planejamento e organização no intuito de que cada ação contribua para:

- a resolução do problema proposto, atingindo o objetivo geral do programa (identificar referências culturais na localidade e preencher as Fichas do Inventário Pedagógico);
- garantir aos alunos elevar seu conhecimento e potencializar suas capacidades e habilidades para realizar tarefas necessárias à aquisição e expressão desse saber;
- capacitar o estudante para refletir sobre suas ações, alcançando uma postura cidadã;
- assegurar aos docentes e discentes condições favoráveis à avaliação deste processo de ensino e aprendizagem.

O conjunto destas ações proativas chamaremos de **Sequência de Ensino**, sistematizada no quadro abaixo.



Para realizar o **Programa Inventários Patrimoniais**, sugerimos seguir este roteiro de atividades:

ROTEIRO DE ATIVIDADES DO PROJETO INVENTÁRIOS PATRIMONIAIS			
PASSOS	AÇÕES		
Relato de Experiência	Sensibilização	Problematização do conceito de Patrimônio Cultural	
		Eleição do patrimônio a ser estudado	
	Construção de Novos Conhecimentos	"O patrimônio vai à escola"	Aprofundamento de estudos sobre patrimônio e referências culturais
			Elaboração dos roteiros de pesquisa e entrevista
	Pesquisa	"O aluno vai ao patrimônio"	Pesquisa de campo
			Entrevistas
			Preenchimento das Fichas do Inventário Pedagógico
	Publicização	Seminário	Em sala de aula, para divulgar o trabalho nas turmas
		Perfis nas redes sociais	Canal de comunicação e divulgação de informações que será utilizado durante todo o período
		Publicação dos relatos de experiência	Publicação de uma revista <i>online</i> em cada cidade

SENSIBILIZAÇÃO

A **Sensibilização** é o momento em que o aluno é induzido a destacar ou trazer um determinado tema ao seu universo de pensamentos e reflexões, para ser debatido coletivamente, respeitando o repertório de cada um. Essa ação deve ser feita da forma mais espontânea e prazerosa possível, para que o estudante expresse livremente seu conhecimento sobre o assunto. O ideal é que se promova alguma atividade lúdica, estimulando os sentidos do aluno, permitindo a ele identificar-se com o tema que se propõe a estudar a partir de então. Esta identificação é fundamental para conquistar o objetivo maior desta etapa da Sequência de Ensino: levar o aluno a desnaturalizar a realidade como sujeito que reflete, problematiza e sugere soluções.

O professor, por sua vez, avaliará o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema, as competências individuais e coletivas para realizar as atividades propostas e a atitude de cada um enquanto estudante e indivíduo.

Como atividade de sensibilização, indicamos a análise de imagens concernentes às cinco categorias de referências culturais apresentadas anteriormente: Lugares, Objetos, Celebrações, Formas de Expressão e Saberes. Recomenda-se que todos os alunos recebam uma cópia de cada imagem. O **ANEXO I** traz 5 exemplos de cada categoria, somando 25 imagens representativas. No caso de utilizarem as imagens em sala de aula, é importante observar se os alunos farão alguma associação entre imagem e a referência cultural à qual está relacionada.

O contato e a interação do aluno com as imagens e com a turma passarão por diferentes estágios no decorrer da sensibilização. No primeiro contato com as imagens, ele deverá estar sozinho e em silêncio. Em seguida, terá novas interações com mais imagens e com os colegas. Por fim, a turma fará uma discussão coletiva a partir da qual surgirá a problematização que norteará a Sequência de Ensino. Neste debate, os estudantes serão levados a problematizar sua realidade além dos limites da sala de aula e da escola.

Veja o passo-a-passo detalhado desta atividade:

- 1º passo → Cada aluno deverá pegar uma ou mais imagens.
- 2º passo → Cada aluno deverá pegar analisar a(s) imagem(ns).
Observem se como fazem o registro dos resultados de sua análise.
- 3º passo → Os alunos formarão grupos de 3 a 5 membros.
- 4º passo → Cada um dos membros do grupo apresentará aos colegas as suas imagens e o resultado de sua análise.
- 5º passo → Cada grupo selecionará dois conjuntos de imagens que tenham alguma relação entre si.
*Não é necessário utilizar todas as imagens do grupo.
Uma mesma imagem não poderá aparecer em dois conjuntos.*

- 6º passo** ➔ Cada grupo deverá dar um nome/título a cada um dos dois conjuntos de imagens.
O nome ou título deverá ser o mais sucinto possível.
- 7º passo** ➔ Cada grupo deverá elaborar uma justificativa para a escolha das imagens e dos nomes/títulos de cada conjunto.
Observem a relação entre os nomes/títulos e as imagens do conjunto. Todos os alunos deverão anotar essas justificativas em seus cadernos.
- 8º passo** ➔ O professor deverá: a) organizar uma discussão coletiva para que todos os grupos apresentem à turma seus conjuntos de imagens, os títulos escolhidos e as justificativas elaboradas para cada um; b) intervir de modo a permitir aos alunos:
- avaliarem a organização dos conjuntos de imagens e as justificativas elaboradas pela turma;
 - identificarem as cinco categorias de referências culturais representadas pelas imagens (*observe que essa relação entre as imagens e as categorias estipuladas no Inventário Nacional de Referências Culturais – Manual de Aplicação, do IPHAN, pode não ser evidente para os alunos*);
 - refletirem sobre a própria realidade a partir da seleção de referências culturais locais;
 - enumerarem possíveis referências culturais locais a serem pesquisadas.

Ao final do processo de sensibilização, o professor deverá ser capaz de avaliar mudanças no patamar de conhecimento e de domínio de competências de sua turma e, então, seguir o curso da Sequência de Ensino. Os alunos certamente se mostrarão interessados no estudo do tema, incomodados com as questões que derivaram das reflexões e problematizações. Estarão mais atentos ao seu entorno sociocultural, observando-o sob a perspectiva do conceito patrimonial, havendo, de fato, incorporado a vocação de pesquisadores. O professor, por seu turno, terá ciência do nível de conhecimento (ou desconhecimento) da matéria e saberá aferir as competências e atitudes dos estudantes para aprofundar os estudos sobre patrimônio. Obviamente, também

adquirirá maiores informações a respeito da localidade onde atua após os debates em sala de aula. Portanto, o professor terá melhores condições para planejar os próximos passos de seu trabalho.

Abaixo, a síntese do processo de sensibilização:

SEQUÊNCIA DE ENSINO			
MOMENTO	ATIVIDADES	OBJETIVOS	AVALIAÇÃO
Sensibilização	Análise de imagens	Introdução ao assunto Destacar a temática no universo de conhecimento dos alunos	Avaliação diagnóstica
	Livre expressão	Avaliar o conhecimento prévio	Domínio de conteúdo Capacidade de ouvir e falar / respeito e
		Fazer uma síntese da discussão	Capacidade de reflexão, síntese e registro
		Pensar estratégias para a aula dialogada	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação
	Reflexão	Problematização da realidade	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação
Argumentação	Fazer uma síntese da discussão Registro de dados e informações		

CONSTRUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS

Nesta segunda etapa da Sequência de Ensino, “*o patrimônio vai à escola*”. O professor deverá trazer novos dados – conceitos – sobre o tema em discussão. Este é o momento de corrigir enganos, desfazer preconceitos e trazer o conhecimento científico-acadêmico para o lugar antes ocupado por um “saber do senso comum”. Será hora de o professor começar a trabalhar de forma mais planejada o desenvolvimento dos procedimentos, das capacidades e habilidades necessárias à concretização de todas as ações que propiciarão o aprendizado previsto na Sequência de Ensino. Será também o momento de exercitar as capacidades e habilidades dos alunos para lidar com diferentes gêneros textuais: leitura e interpretação de textos científicos/acadêmicos, análise de imagens, gráficos, vídeos, áudios (depoimentos de moradores, por exemplo), documentos legais, histórias em quadrinhos, mídia impressa etc. Convém frisar que este processo de ensino e aprendizagem visará, igualmente, a mudanças de paradigmas dos alunos no que se refere à quebra de preconceitos, ao respeito pelas diferenças e à capacidade de dialogar (abordar o outro e saber ouvi-lo).

Depois da avaliação prevista na sensibilização, o professor conseguirá antecipar praticamente todas as estratégias a serem empregadas em sala de aula. Por esse motivo, nos limitaremos a elencar informações que poderão ser expostas aos alunos para que conheçam conceitos necessários ao conhecimento sobre a questão patrimonial, tais como **patrimônio (cultural, natural, material, imaterial), memória, identidade, cultura, bens e referências culturais**.

Sugerimos que as aulas expositivas contemplem a participação efetiva dos estudantes, estimulando o diálogo constante, a leitura e análise de gêneros textuais diversos, estudos dirigidos, pesquisa bibliográfica e/ou virtual.

Consideramos elementar iniciar os trabalhos pela apreensão do conceito de patrimônio. Qual será a definição que os alunos darão para o termo? O que diz o dicionário?

Podemos definir **patrimônio** como um conjunto de bens que pertencem a uma pessoa, a uma cidade, a um país, a um povo ou a humanidade inteira. Os bens podem ser construções (uma igreja ou um casarão), podem ser saberes (a receita de um doce) ou manifestações (danças típicas). Há ainda os bens da natureza, como uma serra, uma paisagem, uma floresta.

Existem patrimônios materiais e imateriais. Os **bens materiais** são aqueles que podemos tocar como, por exemplo, as cerâmicas produzidas pelos artesãos do Vale do Jequitinhonha. Os **bens imateriais** são aqueles que não podemos tocar, como o canto das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha. Mas, se escrevermos algumas letras de canções do Vale do Jequitinhonha em um livro, este livro será um bem material, embora as canções que ele apresenta sejam, em princípio, bens imateriais. Porém, se as músicas não forem mais cantadas, o patrimônio imaterial se perderá!

Além das dimensões material e imaterial podemos dividir os patrimônios em bens culturais e bens naturais. Os **bens culturais** são todos os bens patrimoniais produzidos pela humanidade: as diversas edificações, as obras de arte, os instrumentos e ferramentas, as celebrações, rituais etc. Já os **bens naturais** são aqueles próprios da natureza, sem intervenção humana: uma praia, um rio, uma floresta, uma serra, uma paisagem.

Observe as quatro dimensões do patrimônio:

MATERIAL



IMATERIAL



CULTURAL



NATURAL



Os bens culturais materiais podem ainda ser subdivididos nas seguintes categorias:

a) Estruturas arquitetônicas e urbanísticas, que são bens edificados como igrejas, capelas, residências, praças. etc.



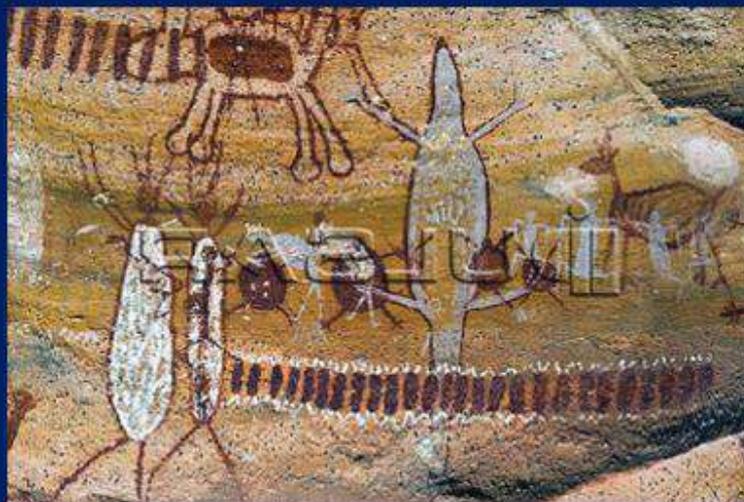
b) Bens móveis e integrados, que são bens de natureza artística, tomados isoladamente ou integrados, a exemplo de imagens e símbolos, cruzeiros, móveis, chafarizes, esculturas, pinturas instrumentos e ferramentas etc.





c) Bens arquivísticos, que são bens de natureza documental, tomados isoladamente ou integrados, a exemplo de livros de tombo, o acervo de um cartório, de uma igreja ou de uma biblioteca, coleções de fotografias antigas etc.

d) Bens naturais, arqueológicos e espeleológicos, que são bens associados à natureza e ao patrimônio arqueológico, a exemplo de serras, rios, conjunto de vestígios arqueológicos de mineração, etc.



Outro t3pico a ser estudado com os alunos refere-se ao acervo patrimonial do Brasil e do mundo sob o ponto de vista legal. Como o Estado Brasileiro trata o patrim3nio nacional? De que forma os estados e munic3pios lidam com essa quest3o?

A Constitui3o da Rep3blica Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 216, trata da esfera patrimonial no pa3s. Os alunos acessar3o este cont3udo por diversos caminhos. O professor ter3 op3o de apresentar a Constitui3o ou o artigo 216 como objeto de an3lise em uma aula. Os alunos poder3o pesquisar a 3ntegra do documento, dispon3vel no endere3o http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, ou examinar o artigo 216, dispon3vel em dois endere3os: do Senado Federal (https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp) ou do IPHAN (http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf). Ser3 importante ressaltar para os estudantes as especificidades do g4nero textual **documentos legais**.

Aqui, apresentamos o artigo 216 na 3ntegra:

Art. 216. *Constituem patrim3nio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de refer4ncia 3 identidade, 3 a3o, 3 mem3ria dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:*

I- as formas de express3o;

II- os modos de criar, fazer e viver;

III- as cria33es cient3ficas, art3sticas e tecnol3gicas;

IV- as obras, objetos, documentos, edifica33es e demais espa3os destinados 3s manifesta33es art3stico-culturais;

V- os conjuntos urbanos e s3tios de valor hist3rico, paisag3stico, art3stico, arqueol3gico, paleontol3gico, ecol3gico e cient3fico.

§ 1º O poder p3blico, com a colabora3o da comunidade, promover3 e proteger3 o patrim3nio cultural brasileiro, por meio de invent3rios, registros, vigil3ncia, tombamento e desapropria3o, e de outras formas de acautelamento e preserva3o.

§ 2º Cabem 3 administra3o p3blica, na forma da lei, a gest3o da documenta3o governamental e as provid4ncias para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecer3 incentivos para a produ3o e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988).

Existem várias instituições estaduais, federais e internacionais que atuam na identificação e preservação do patrimônio cultural e natural. Algumas das principais são: **IPHAN**, criado em 13 de janeiro de 1937, órgão responsável, na esfera federal, pelas diretrizes relativas ao reconhecimento, tombamento e preservação do patrimônio cultural brasileiro; **IBAMA** (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), criado em 22 de fevereiro de 1989; **IEPHA/MG** (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), criado em 30 de setembro de 1971; **IEF** (Instituto Estadual de Florestas), instituído em 1962 pela Lei nº 2.606; e a **UNESCO** (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), criada em 16 de novembro de 1945 para, dentre suas diversas atribuições, cuidar do patrimônio cultural da humanidade.

Qual é o órgão ou instituição responsável pelo patrimônio cultural no seu município?

Desde a década de 1930, quando foi criado o IPHAN, havia o entendimento, e conseqüentemente a prática, de se privilegiar como bens que viriam a constituir o patrimônio cultural brasileiro aqueles bens relacionados ao patrimônio monumental, composto principalmente pelos testemunhos da história oficial. O Estado era o responsável por decidir o que era o patrimônio, e entendia como tal principalmente bens móveis e imóveis com maior valor histórico e artístico. Privilegiavam-se as referências culturais nacionais, pois o que se buscava à época era a construção de uma identidade nacional homogênea.

A partir dos anos 1970 esta visão foi se modificando e a dimensão social e política dos bens culturais passou a merecer mais destaque, incluindo também manifestações culturais representativas para os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira – os índios, os negros, os imigrantes, as classes populares em geral.

Atualmente, as comunidades têm participado dos processos de identificação das referências ou bens culturais que podem levá-los, inclusive, ao tombamento. A concepção de patrimônio abrange ainda a dimensão cultural, englobando bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis. Hoje em dia o patrimônio é cultural. Privilegiam-se as referências culturais regionais, pois o que se busca é a construção de uma identidade nacional heterogênea, diversificada.

Na concepção de Gilberto Gil, “pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade da nossa gente”. O **intangível**, o **imaterial**.³

A exibição e análise de um vídeo pode ser uma ótima estratégia para aprofundar ou consolidar os conhecimentos sobre o tema Patrimônio Cultural Imaterial nesta etapa. Indicamos, aqui, o vídeo ***Os ritmos do Brasil***, com duração de 3:25 minutos, que apresenta uma manifestação de congado em Montes Claros. Uma sugestão é que, após a exibição do vídeo, os alunos sejam instigados a identificar as cinco categorias do patrimônio imaterial. Este vídeo encontra-se disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=QRNN4OVhtrY>.

Outro recurso valioso para extrair informações acerca do patrimônio cultural imaterial local são notícias veiculadas pela mídia impressa e *online*. Oferecemos como exemplo duas publicações sobre eventos relacionados ao patrimônio de duas cidades mineiras, Itaúna e Divinópolis: as matérias ***Tradicional Festa do Reinado é realizada com sucesso em Itaúna***, publicada no portal de notícias da Prefeitura Municipal de Itaúna, em 19 de agosto de 2019 e ***Divinópolis participa da 7ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais***, veiculada no portal do G1 Centro-oeste de Minas, em 08 de agosto de 2019. No **Anexo II** consta a cópia integral das publicações, com seus respectivos endereços eletrônicos.

Ao longo do programa, o professor deve ficar atento e avaliar seus alunos através de provas, relatórios, discussões coletivas, arguições e outros instrumentos que possam mensurar a aprendizagem da turma, tendo em vista três objetivos educacionais:

I – Objetivos conceituais: quais mudanças ocorreram com relação ao domínio de conceitos cujo conhecimento e aplicação são fundamentais para identificar e pesquisar referências culturais locais?

II – Objetivos procedimentais: quais alterações foram constatadas relativas aos procedimentos necessários ao processo descrito no item anterior? O que mudou com relação à

³ ANDRADE, Luísa Teixeira. O curso dos conceitos: patrimônio cultural, práticas de memória e diversidade. *Anais. XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*. Disponível em: http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1398435897_ARQUIVO_TextoAnpuhRegional2014.pdf. Acesso em: 09 set. 2019.

capacidade de problematizar a realidade e elaborar propostas de pesquisa que busquem soluções para os problemas identificados?

III – Objetivos atitudinais: houve variação da atitude dos alunos frente à questão patrimonial? E durante as diferentes atividades realizadas?

Apontamos algumas ações para finalizar esta etapa: a) uma avaliação do que foi ensinado e aprendido, mediante diversas possibilidades de aferição; b) uma discussão coletiva, levando os alunos a sintetizarem seu aprendizado, utilizando conceitos, recursos e estratégias trabalhadas anteriormente; c) uma prova individual.

Após as avaliações, recomendamos a preparação das atividades de campo, entrevistas e pautas de investigação que deverão ser realizadas na fase da **pesquisa**.

Este segundo tópico da Sequência de Ensino está resumido no quadro a seguir.

MODELO DE SEQUÊNCIA DE ENSINO			
MOMENTOS	ESTRATÉGIAS	OBJETIVOS	AVALIAÇÃO
Construção de Novos Conhecimentos	Aula dialogada	Ensino de conteúdo	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação
		Esclarecimento de dúvidas	Leitura e interpretação de texto
		Registro de dados e informações	Execução de tarefas
		Ouvir e avaliar as atitudes dos alunos	Capacidade de reflexão, síntese e registro Aprendizagem de conteúdo
	Revisão do produto da argumentação	Esclarecimento de dúvidas	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação
		Registro de dados e informações	Aprendizagem de conteúdo
		Capacidade de reflexão, síntese e registro	Execução de tarefas
	Argumentação	Problematização da realidade	Capacidade de reflexão, síntese e registro
		Ouvir e avaliar as atitudes dos alunos	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação
		Capacidade de reflexão, síntese e registro	Capacidade de reflexão, síntese e registro
Avaliação	A avaliação será processual e permanente, conforme se vê na última coluna		

PESQUISA

Nesta etapa, “o aluno vai ao patrimônio”. Uma vez que a turma foi sensibilizada sobre o tema, percebendo melhor e problematizando o patrimônio cultural imaterial do seu entorno, deverá partir a campo, realizando entrevistas e visitas à procura de respostas para as questões levantadas.

A eleição de referências culturais a serem pesquisadas é um processo que vem se desenvolvendo desde a sensibilização. Neste estágio do programa, dedicado exclusivamente à pesquisa, o professor deve primeiramente definir com a turma a forma de organização dos alunos com relação às categorias a serem investigadas.

O conjunto de ações desta fase deverá concorrer para a solução do seguinte problema: **Identificar referências culturais na localidade para preencher as Fichas do Inventário Pedagógico.** Por esse motivo, a metodologia de pesquisa indicada é aquela explicitada no *Inventário Nacional de Referências Culturais – Manual de Aplicação* (IPHAN, 2000), disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_m.pdf.

Manual de Aplicação

O inventário do patrimônio cultural	05
A pesquisa	06
A documentação	10
Organize, apresente e divulgue o seu trabalho	11
Fichas do Inventário	12
Ficha do Projeto	13
Ficha de Território	13
Fichas das categorias:	
☐ Lugares	14
🕒 Objetos	19
~ Celebrações	24
⚠ Formas de Expressão	30
👤 Saberes	36
Ficha de Fontes Pesquisadas	41
Ficha de Relatório de Imagens	41
Ficha de Roteiro de Entrevista	41
Referências	43



Fonte: *Inventário Nacional de Referências Culturais – Manual de Aplicação* (IPHAN, 2000).

A primeira parte deste documento – **O inventário do patrimônio cultural** – apresenta o inventário e alguns conceitos basilares para a compreensão da questão patrimonial. Traz também instruções gerais sobre a pesquisa propriamente dita e o preenchimento das Fichas do Inventário Pedagógico.

Nesta apresentação, o professor encontrará orientações sobre como pesquisar, embora o enfoque seja a pesquisa voltada para o objetivo do Manual, que é inventariar o patrimônio cultural local através de uma investigação pautada pelos dados que constam das Fichas do Inventário. Há

ainda diretrizes para lidar com a documentação e a coleta de informações, e com a organização dos dados e a divulgação dos resultados da pesquisa.

Na segunda parte – **Fichas do Inventário** – obtêm-se o direcionamento para preencher os seguintes documentos: *Ficha do Projeto; Ficha do Território; Ficha das Categorias (Lugares, Objetos, Celebrações, Formas de Expressão e Saberes); Ficha de Fontes Pesquisadas; Ficha de Roteiro de Entrevista; Ficha de Relatório de Imagens.*

As **Fichas do Inventário** estão disponíveis em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Fichas do Inventario Educacao Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Fichas_do_Inventario_Educacao_Patrimonial.pdf).

Recomendamos aos professores atentarem para o fato de que, ao longo do processo de preparação e execução da pesquisa e de tratamento dos dados coletados, deverão orientar a turma a iniciar a extração de elementos que eventualmente serão utilizados na publicização dos resultados.

Ao final desta etapa, o professor poderá utilizar instrumentos diversos para qualificar as atividades de pesquisa. As sugestões de avaliação descritas no tópico **Construção de Novos Conhecimentos** aplicam-se bem aqui.

O terceiro período da Sequência de Ensino encontra-se sintetizado no quadro a seguir.

MODELO DE SEQUÊNCIA DE ENSINO			
MOMENTOS	ESTRATÉGIAS	OBJETIVOS	AVALIAÇÃO
Pesquisa	Realização das pesquisas de campo e entrevistas	Elaborar roteiros de pesquisas de campo e entrevistas	Capacidade de reflexão, síntese e registro
		Realizar pesquisas de campo e entrevistas	Execução de tarefas
		Trabalhar dados coletados	Capacidade de reflexão, síntese e registro
		Trabalhar dados coletados	Execução de tarefas
	Preenchimento das Fichas do Inventário Pedagógico	Capacidade de reflexão, síntese e registro	Capacidade de reflexão, síntese e registro

PUBLICIZAÇÃO

O conhecimento só é válido quando compartilhado. Todo trabalho positivo transforma a nossa vida; então, devemos sempre atuar para beneficiar o maior número possível de pessoas.

As atividades realizadas na escola devem se configurar em uma via de conhecimento e atingir o espaço público. A produção escolar precisa extrapolar a individualidade do aluno pesquisador, ultrapassando os limites da sala de aula. Melhor ainda será se os resultados partilhados com a comunidade escolar forem bem recebidos por ela.

Por tal razão, propomos três caminhos para publicizar as implicações decorrentes do **Programa Inventários Patrimoniais**. Começamos pela divulgação dos resultados da pesquisa entre os alunos pesquisadores e, talvez, para outras turmas ou toda a escola. Devido às particularidades do programa, sugerimos que a divulgação ocorra por meio de **seminários**. Os grupos exporiam o processo completo de estudo e pesquisa, as referências culturais identificadas e examinadas e os resultados do trabalho, explanando dados e documentos encontrados/criados: objetos, fotografias, textos, áudios e vídeos. Se for possível, poderão ser convidados a falar para o público do seminário aqueles que contribuíram com os trabalhos: profissionais de entidades públicas (museus, casas de cultura, secretarias municipais), de instituições ou grupos pesquisados, pessoas da comunidade que foram entrevistadas etc. Esses seminários, evidentemente, encerrarão a etapa de pesquisa.

Por fim, as percepções dos professores envolvidos serão registradas em um pequeno arquivo, um **relato de experiência**. A ideia é que cada docente ou grupo de docentes responsável pela coordenação de um projeto de pesquisa anote suas observações no decurso do projeto, documentando as ações efetivadas para, ao término dos trabalhos, redigir seu relato.

Por que produzir esse relato? Ao repensar a evolução do ensino e aprendizagem durante o **Programa Inventários Patrimoniais** ocorrerá, de forma espontânea, um processo de reconhecimento e revisão do potencial do professor como agente formador. O professor poderá elevar seu *status* de “aquele que ensina” para “aquele que ensina a aprender” e “aquele que aprende ensinando”. Isto é, tornar-se um mestre que contribui efetivamente para a constituição da sociedade, produzindo conhecimento.

Além disso, a publicação dos relatos de experiência dará mais visibilidade ao trabalho do professorado, uma vez que estará acessível a um público amplo, favorecendo, sobretudo, os docentes interessados em iniciar uma pós-graduação.

Os relatos serão divulgados em uma revista *online*. Devido ao formato deste veículo, solicitamos **artigos com no máximo duas páginas**, contendo a seguinte estrutura:

1. **Título do relato e nome do(a) autor(a);**

2. **Identificação da(s) escola(s) e da(s) turma(s) participante(s);**

3. **Justificativa da escolha da(s) categoria(s) de referências culturais;**

Como aconteceu o processo de identificação de referências culturais na localidade onde fica a escola? Como ou por que foi (foram) eleita(s) a(s) referência(s) cultural(is) pesquisada(s)?

4. **Descrição do processo de pesquisa;**

Detalhamento do planejamento e execução da pesquisa e das entrevistas, citando instituições, grupos ou pessoas envolvidas. Quais foram os recursos utilizados? O que a turma aprendeu ao realizar as atividades? Como foi o processo de preenchimento das fichas?

5. **Avaliação do processo de estudo e pesquisa;**

Quais foram os aprendizados dos alunos? Que reação teve a comunidade ou os grupos envolvidos diante da(s) referência(s) pesquisada(s)? Houve alguma modificação na situação desse(s) grupo(s) ou do bem cultural examinado? Além disso, há outros aspectos relevantes do projeto que merecem ser descritos?

6. **Percepção pessoal: metodologia, patrimônio, atitude dos alunos, sua relação com o ensino e aprendizagem, observações etc.**

Este é o espaço para cada autor ou grupo de autores dar um toque pessoal ao relato. O que ficou para você ao final dessa experiência? O que aprendeu sobre metodologia de ensino? E a respeito da questão patrimonial? Você observou mudanças de atitude por parte de seus alunos? Quais foram elas? Como você explica tais alterações? Houve algum ganho em sua postura enquanto professor? Há algo mais que julga necessário dizer?

A Publicização, quarta fase da Sequência de Ensino, encontra-se sistematizada a seguir.

MODELO DE SEQUÊNCIA DE ENSINO			
MOMENTOS	ESTRATÉGIAS	OBJETIVOS	AVALIAÇÃO
Publicização	Seminário nas salas de aula	Planejar e executar estratégias para a exposição dos resultados à comunidade escolar	Planejamento e execução das estratégias de comunicação Capacidade de reflexão, síntese e registro Capacidade de expressão e comunicação
	Perfis nas redes sociais	Canal de comunicação e divulgação de informações que será utilizado durante todo o período	
	Redação do relato de experiência	Publicação de uma revista <i>online</i> em cada cidade	

Chegamos ao final da apresentação do **Programa Inventários Patrimoniais e** do modelo de Sequência de Ensino sugerido. Daqui em diante cabe a vocês, professores, aceitarem a proposta e executarem o trabalho com seus alunos. Acompanharemos o processo à distância, através do nosso canal de comunicação, mas ainda teremos outro encontro presencial para que possam compartilhar suas experiências e elucidar dúvidas eventuais. Acreditamos no potencial de cada um, na garra e amor pela Educação. Contamos com todos e agradecemos pela parceria.

ANEXO I – Categorias de Referências Culturais

CELEBRAÇÕES



Reinado de Itaúna/MG

<https://www.noticiasdeitauna.com.br/noticiasdiarias/admin/2018/07/04/prefeitura-de-itauna-destina-r-70-mil-para-a-realizacao-do-reinado/>



Círio de Nazaré – Belém/PA

<https://www.noticiasdeitauna.com.br/noticiasdiarias/admin/2018/07/04/prefeitura-de-itauna-destina-r-70-mil-para-a-realizacao-do-reinado/>



Festa Farroupilha – Porto Alegre/RS <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/09/fotos-veja-como-foi-o-desfile-farroupilha-que-marcou-o-20-de-setembro-em-porto-alegre-9907500.html>



Carnaval de rua – Belo Horizonte/MG <https://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2014/02/28/carnaval-de-rua-alegria-e-liberdade-desfilam-nas-vias-publicas/>



Arraial em Divinópolis/MG

<https://arraial.club/arraial-2018-em-divinopolis-mg/>

FORMAS DE EXPRESSÃO



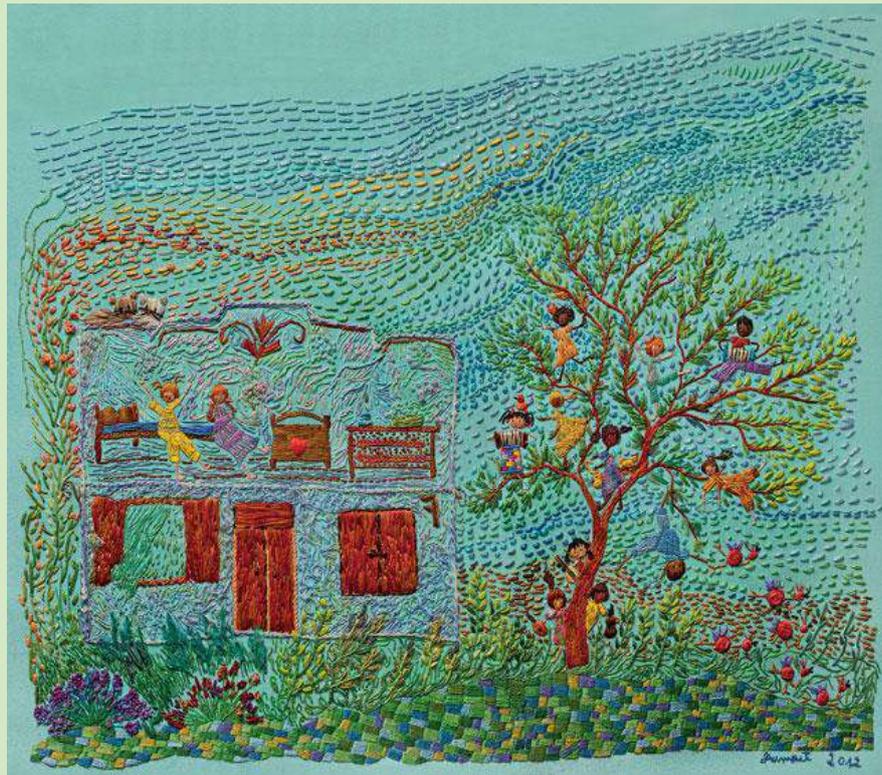
Graffites em prédios de Belo Horizonte/MG

<https://www.otempo.com.br/super-noticia/cidades/confira-os-grafites-que-colorem-as-ruas-e-predios-de-bh-1.2079774>



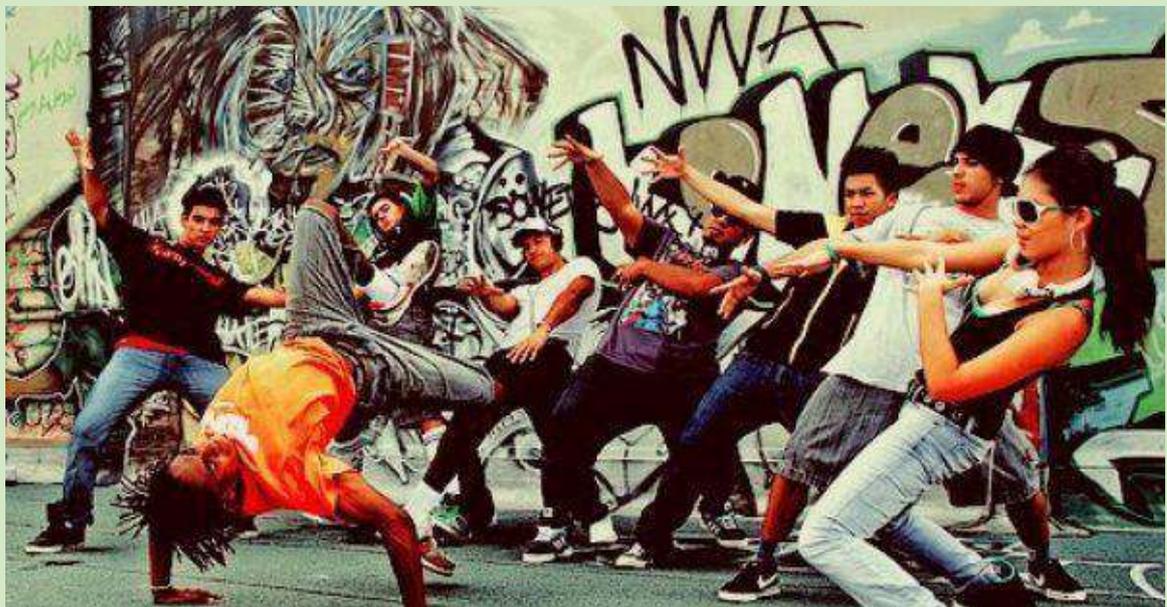
Obra do artista Gentileza no Rio de Janeiro/RJ

<https://oglobo.globo.com/rio/rio-450/pinturas-de-gentileza-vaio-ser-mantidas-com-desmont-do-elevado-da-perimetral-13283522>



Bordado: ilustração de livro família Dumont – Pirapora/MG

<http://www.blogdaetrinhas.com.br/conteudos/visualizar/O-texto-e-o-textil-da-familia-Dumont>



Street Dance

Fonte: <https://danceninspire.com/api/tags/html?tagname=street>



Toré – dança indígena do Nordeste brasileiro

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=863&Itemid=1

LUGARES



Cânion das Bandeirinhas – Serra do Cipó/MG

<https://saiaazonadeconforto.com.br/aventuras-nerea-no-canon-das-bandeirinhas/>



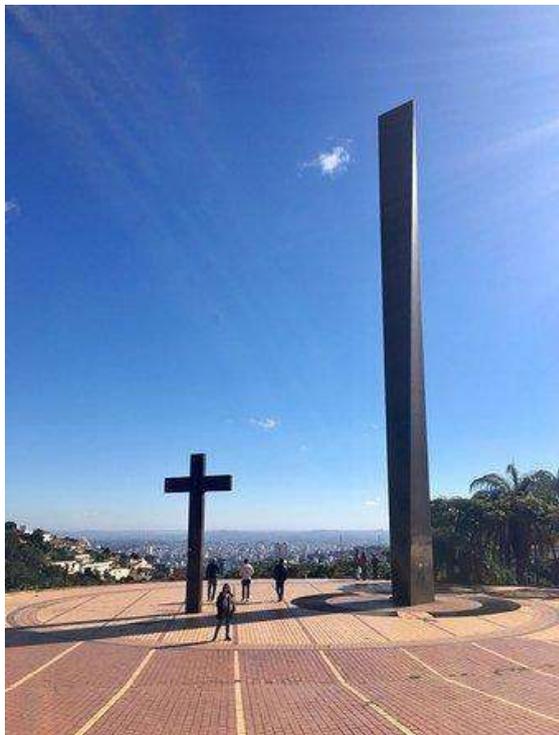
Praça Tiradentes – Ouro Preto/MG

<https://vivago.com.br/mg/ouro-preto/loais/praca-tiradentes-ouro-preto>



Viaduto do Chá – São Paulo/SP

<http://cidadedesaopaulo.com/v2/atrativos/viaduto-do-cha/>



Praça do Papa – Belo Horizonte/MG

https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303374-d11811236-Reviews-Praca_do_Papa-Belo_Horizonte_State_of_Minas_Gerais.html



Praia de Copacabana

https://www.metrorio.com.br/NavegueRio/PontosTuristicosInterna?p_ponto=29

OBJETOS



Viola de cocho

<http://conexaoplaneta.com.br/blog/som-pantaneiro-se-faz-com-madeira-e-arte-nas-curvas-da-viola-de-cocho/>



Gamela

<https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-793431815-kit-gamela-de-madeira-oval-grande-44-x-25-x-13cm- JM>



Canoa de casca de árvore – índios Yawalapiti

<http://conexaoplaneta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/canoa-casca-jatoba-amerindios-do-brasil-conexao-planeta-foto-renato-soares-macauana-navegando.jpg>



Colar de lágrimas de Nossa Senhora - <https://www.elo7.com.br/guia-lagrimas-de-n-s/dp/532761>



Telefone de disco

<https://www.mozartleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=280787>

SABERES



Preparo de biscoito

<http://fognacoifa.blogspot.com/2014/02/biscoito-de-polvilho-croc-croc.html>



Confecção de viola de cocho

<http://alcidesvioladecocho.blogspot.com/>



Confecção de canoa de casca de jatobá - índios Yawalapiti
<http://conexaoplaneta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/canoa-casca-jatoba-amerindios-do-brasil-conexao-planeta-foto-renato-soares-macauana2.jpg>



Tapete arraiolo
<http://gazetarural.com/2016/10/20/a-melhor-gastronomia-e-o-icone-do-artesanato-local-em-arraiolos/>



Benedeira

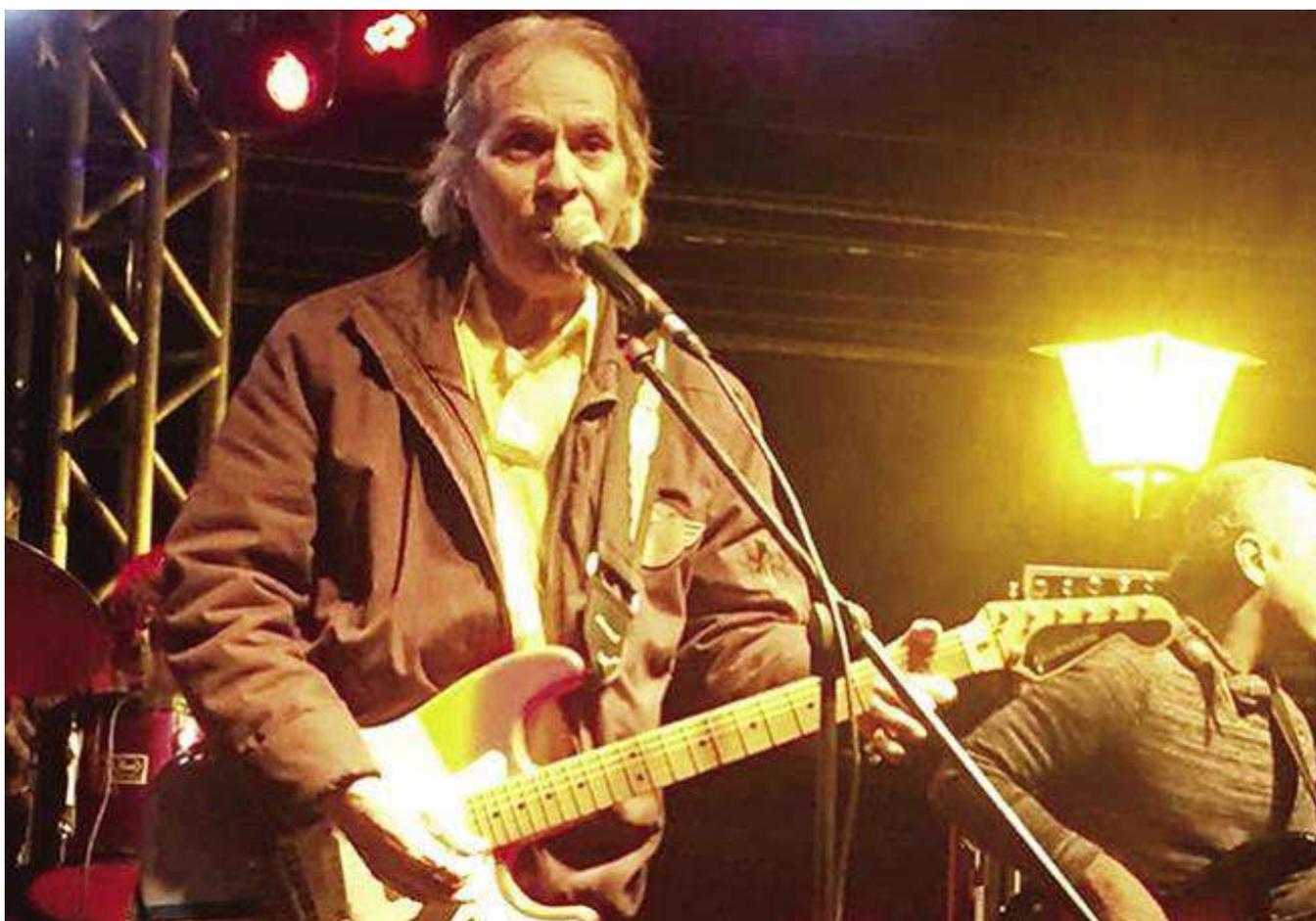
<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/benedeiras-de-goiania-mantem-tradicao-de-cura-pela-fe-127737/>

ANEXO II – Publicações sobre eventos relacionados ao patrimônio da cidade de Montes Claros

Festas de Agosto trazem boa música e tradição folclórica

Realizada simultaneamente ao 41º Festival Folclórico de Montes Claros, 180ª edição da festividade oferece ao público programação cultural cheia de qualidade e pluralidade

Adriana Queiroz
O Norte - Montes CLaros
30/07/2019 - 06h51



ATRAÇÃO – Beto Guedes se apresenta no dia 17 de agosto, sábado, na Arena na Praça da Matriz.

A marujada vem subindo a rua/Suores brilham nos rostos molhados/Agosto chega com a ventania/Cálice bento e abençoado.

É embalada na canção de Tino Gomes e Georgino Júnior que a cidade celebra a 180ª edição das Festas de Agosto. A abertura será no dia 14 do próximo mês, no Centro Cultural Hermes de Paula, a partir das 19h, com show e Élcio Lucas, Saruê e Bianca Luar e levantamento de mastro na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Mais uma vez, a tradição da “cidade da arte e da cultura” é sustentada por heróis anônimos, gente simples e de costumes comuns.

FESTIVAL

Paralelamente, será realizado o 41º Festival Folclórico de Montes Claros, com a participação de artistas da cidade, como Tico Lopes, Claudio Mineiro, André Águia, além de outros como Taboo, Zabelê, Babilak Bah, N’Agandaia, Fitas, Pereira da Viola, Banzé, Maurício Tizumba, Berimbau de Ouro, Mamour Bah.

O folclore é considerado indispensável e fundamental para a educação de crianças e jovens e para a cultura de um povo. Isso porque nenhuma outra arte exerce sobre as camadas populares uma influência tão poderosa quanto a música e a dança.

Marujada e grupos de catopês e caboclinhos integram o folclore montes-clareense e a rítmica espontânea e a beleza favorecem a compreensão e o engajamento de novos adeptos.

O cantor e compositor montes-clareense Beto Guedes, um dos ícones do Clube da Esquina, fará show na festa no dia 17 de agosto. O repertório terá músicas de sucesso da carreira do artista.

Festas de Agosto

Shows:

Quarta-feira (14), 20h	Quinta-feira (15), 20h	Sexta-feira (16), 20h	Sábado (17), 19h	Domingo (18), 19h
Élcio Lucas Saruê Bianca Luar	Taboo Zabelê Babilak Bah	N Gandaia Fitas Pereira da Viola	Banzé Tizumba Beto Guedes	Berimbau de Ouro Mamour Bah 1ª Marujada de Montes Claros André Águia Tico Lopes Claudio Mineiro

[Festas de Agosto trazem boa música e tradição folclórica - Cultura - O Norte](https://onorte.net/cultura/festas-de-agosto-trazem-boa-musica-e-tradicao-folclorica-1.731108)

<https://onorte.net/cultura/festas-de-agosto-trazem-boa-musica-e-tradicao-folclorica-1.731108>

Montes Claros se despede, emocionada, do Mestre Tone da Cachoeira



“Adeus! Adeus! Minha querida senhora...” Foi entoando estes versos melancólicos (talvez a mais perfeita síntese da dor e da saudade sertanejas) que os amigos, familiares e colegas de marujada se despediram, na manhã desta quinta-feira, 18, de Antônio Ferreira da Silva, o popular Tone da Cachoeira, mestre da 2ª Marujada de Montes Claros, que ajudou a fundar.

Seu velório, realizado no Centro Cultural Hermes de Paula, atraiu vários amigos e admiradores de Tone, que é considerado um dos pilares cultura popular do Norte de Minas. Uma das presentes ao velório foi Marinalva Rodrigues, chefe do Terno de Catopês de Francisco Sá, que fez questão de vir se despedir do velho amigo. “Uma perda muito grande para a cultura da nossa região”, sintetizou.

CATOPÊS E CABOCLINHOS - O falecimento de Tone atingiu de forma especial os integrantes dos catopês e dos caboclinhos, que junto com os marujos formam a

“trindade” das Festas de Agosto de Montes Claros. “Perdemos um companheiro. Vai fazer muita falta”, lamentou José Expedito Cardoso, o “Mestre Expedito” do Terno de Catopês de São Benedito. “Ele falou que queria continuar até a morte. Morreu satisfeito, realizando seu sonho”, lembrou Maria do Socorro Pereira, a “Caciconá Socorro”, chefe dos Caboclinhos de Montes Claros.

TRADIÇÃO QUE NÃO MORRE - Um dos amigos mais próximos de Tone Cachoeira, José Hermínio Ferreira Pinto, há 30 anos colega de marujada, falou com saudades do mestre. “A importância dele, para mim, na cultura de Montes Claros, foi tudo. Não estava nem aí para nada, e ele me incentivou”, lembra Hermínio, que hoje é contramestre da 2ª Marujada de Montes Claros.

Ely Ferreira da Silva, filho de Tone, falou com emoção do pai, que acompanha na marujada desde os nove anos. “Foi um valor imenso para a cultura de Montes Claros”, disse. Ely, que deseja ser chamado, a partir de agora, de “Ely Cachoeira”, trouxe um alento para os amantes da cultura norte-mineira, afirmando que dará continuidade ao trabalho do pai, preservando a tradição da marujada. “Não deixo acabar não, saio com dois marujos se for preciso”, afirmou.

Mas, se depender de jovens como Erick Iuri Mendes, de apenas 15 anos (há 12 participando da 2ª Marujada), a tradição em Montes Claros irá perdurar. “Vou estar na marujada até o final da vida”, declarou.

www.montesclaros.mg.gov.br/agencia_noticias/2016/fev-16/not_18_02_16_4965.php

FESTA NACIONAL DO PEQUI 2020 - Está chegando o maior evento artístico-gastronômico do Norte de Minas

22/01/2020 - 15:00 | atualizado em 22/01/2020 - 15:00

ASCOM | Texto: Rubens Santana

Está chegando a hora de Montes Claros receber a edição 2020 do maior evento artístico-gastronômico do Norte de Minas. Promovida pela Prefeitura de Montes Claros, através da Secretaria Municipal de Cultura, a Festa Nacional do Pequi é um acontecimento já tradicional na cidade, e que, como o nome diz, celebra o fruto mais amado do nosso cerrado e um dos maiores símbolos da nossa região.

A Praça da Matriz é o cenário principal da festa, com dois palcos para apresentações artísticas, feira gastronômica no entorno da praça, e extensa programação no Centro Cultural, Solar dos Sertões e Museu Regional.

Neste ano, a programação chegará também ao Parque Municipal Milton Prates, Parque Cândido Canela, Parque das Mangueiras e Parque Sagarana, com ações voltadas para a cultura regional e a educação ambiental.

O evento tem o apoio do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), Conselho Municipal de Defesa e Conservação do Meio Ambiente (CODEMA), Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Organização Viva Verde (OVIVE), Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais (IDENE), e Emater/MG Regional Montes Claros, entre outros parceiros.

<https://portal.montesclaros.mg.gov.br/noticia/cultura/festa-nacional-do-pequi-2020-esta-chegando-o-maior-evento-artistico-gastronomico-do-norte-de-minas>

DE 07 A 09 DE FEVEREIRO DE 2020



07 DE FEVEREIRO - SEXTA-FEIRA

- 19h – ABERTURA OFICIAL DA 29ª FESTA NACIONAL DO PEQUI
BANDA DE MÚSICA DA 11ª RPM
ABERTURA DA EXPOSIÇÃO COLETIVA CENAS DO SERTÃO
ARTES PLÁSTICAS: BIOLA
FOTOGRAFIA: FOLIAS DE REIS NO SERTÃO DE GUIMARÃES • RONALDO ALVES
CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
 - 19h – OFICINAS DE REPENTE: TONY AGRESTE, CARLOS AZEVEDO E JOÃO FIGUEIREDO
CORETO DA PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – OFICINA DE TAMBORES: CLÁUDIO MINEIRO
CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
 - 19h – OFICINA DE GASTRONOMIA: JACKSON BENTO
SECRETARIA DE CULTURA
 - 19h – OFICINA DE CERÂMICA: AILTO RODRIGUES
PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – CINEMA COMENTADO CINECLUBE: GRANDE SERTÃO • PRODUÇÃO WWWBRASIL
CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
 - 19h ÀS 23h – FEIRAS DE ARTE, ARTESANATO E GASTRONOMIA: GALERIA DE ARTE E ARTESANATO
– ARTERIA • FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR – EMATER • FEIRA DE PRODUTOS DO
EXTRATIVISMO – UFMG • MOSTRA DE ARTESANATO REGIONAL – IDENE
 - 20h – LANÇAMENTO LITERÁRIO: RETRATOS DE NÓS MESMOS • ALBERTO SENA
CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
 - 20h – VISITAÇÃO NOS STANDS DA OVIVE, CONSELHO PRO-PEQUI, UFMG E DA COORDENAÇÃO
DE TURISMO – PRAÇA DA MATRIZ
- SHOWS
- 20h – PALCO: FLÁVIO RIBEIRO
 - 21h – ARENA: FOLIA DE REIS BARRO DO PAJOL
 - 22h – PALCO: WILSON DIAS
PRAÇA DA MATRIZ

08 DE FEVEREIRO - SÁBADO

- 09h ÀS 22h – EXPOSIÇÃO COLETIVA: CENAS DO SERTÃO
CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
 - 09h ÀS 22h – FEIRAS DE ARTE, ARTESANATO E GASTRONOMIA
 - 9h ÀS 22h – VISITAÇÃO NOS STANDS DA OVIVE, CONSELHO PRO-PEQUI, UFMG E DA
COORDENAÇÃO DE TURISMO
 - 19h – OFICINA DE CERÂMICA: AILTO RODRIGUES
PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – OFICINA DE GASTRONOMIA: JACKSON BENTO
PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – OFICINAS DE REPENTE: TONY AGRESTE, CARLOS AZEVEDO E JOÃO FIGUEIREDO
CORETO DA PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – OFICINA DE TAMBORES: CLÁUDIO MINEIRO
CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
 - 19h – ATIVIDADE LITERÁRIA: LANÇAMENTO - O DINOSSAURO QUE VIROU LAGARTIXA.
AMELINA CHAVES • CENTRO CULTURAL HERMES DE PAULA
- SHOWS
- 20h – PALCO: NOENO DA VIOLA
 - 21h – ARENA: MARIMBONDO: CHAPEU
 - 22h – PALCO: CHICO LOBO

09 DE FEVEREIRO - DOMINGO

- 9h – CORDEL NO CORETO: CARLOS AZEVEDO E CONVIVADOS
 - 9h ÀS 22h – FEIRAS DE ARTE, ARTESANATO E GASTRONOMIA
 - 9h ÀS 22h – VISITAÇÃO NOS STANDS DA OVIVE, CONSELHO PRO-PEQUI, UFMG E DA
COORDENAÇÃO DE TURISMO
 - 10h – ARENA: SOVACO DE COBRA
 - 12h – ARENA: APRESENTAÇÃO DA OFICINA DE TAMBORES
 - 19h – OFICINA DE CERÂMICA: AILTO RODRIGUES
PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – OFICINA DE GASTRONOMIA: JACKSON BENTO
PRAÇA DA MATRIZ
 - 19h – OFICINAS DE REPENTE: TONY AGRESTE, CARLOS AZEVEDO E JOÃO FIGUEIREDO
CORETO DA PRAÇA DA MATRIZ
- SHOWS
- 20h – ARENA: FOLIA DOS TRÊS REIS MAGOS
 - 21h – PALCO: JÚLIA RISSAS
 - 22h – PALCO: CURRÍCULO CATRUMANA
PRAÇA DA MATRIZ

9/2
10h+ DOMINGO NOS PARQUES
ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

PARQUE MUNICIPAL MILTON PRATES
OFICINAS DE RECLAGEM –LABOREARTE

PARQUE DAS MANGUEIRAS
TEATRO TRILHA DA LEITURA – ECOLOGIA

PARQUE CÂNDIDO CANELA
PLANTIO COLETIVO DE ÁRVORES

PARQUE SAGARANA
GRUPO DE CHORO GERALDO PAULISTAL

REALIZAÇÃO



POLÍCIA
MILITAR
DE MINAS GERAIS

ANEXO III – Sequência de Ensino detalhada

MODELO DE SEQUÊNCIA DE ENSINO				
MOMENTOS	ESTRATÉGIAS	OBJETIVOS	AVALIAÇÃO	
1. Sensibilização	Introdução ao assunto	Destacar a temática no universo de conhecimento dos alunos	Avaliação diagnóstica	
	Livre expressão	Ouvir e avaliar as atitudes dos alunos	Conhecimentos prévios	
		Avaliar o conhecimento prévio	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação	
		Fazer uma síntese da discussão	Capacidade de reflexão, síntese e registro	
		Pensar estratégias para a aula dialogada	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação	
	Reflexão		Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação	
	Argumentação	Problematização da realidade	Capacidade de reflexão, síntese e registro	
		Registro de dados e informações		
2. Construção de Novos Conhecimentos	Aula dialogada	Ensino de conteúdo	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação	
		Esclarecimento de dúvidas	Leitura e interpretação de texto	
		Registro de dados e informações	Execução de tarefas	
		Ouvir e avaliar as atitudes dos alunos	Capacidade de reflexão, síntese e registro	
	Revisão do produto da argumentação	Esclarecimento de dúvidas	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação	
		Registro de dados e informações	Aprendizagem de conteúdo	
		Capacidade de reflexão, síntese e registro	Execução de tarefas	
		Problematização da realidade	Capacidade de reflexão, síntese e registro	
	Argumentação	Ouvir e avaliar as atitudes dos alunos	Capacidade de ouvir e falar / respeito e educação	
		Capacidade de reflexão, síntese e registro	Capacidade de reflexão, síntese e registro	
	3. Pesquisa	Realização das pesquisas de campo e entrevistas	Elaborar roteiros de pesquisas de campo e entrevistas	Capacidade de reflexão, síntese e registro
			Realizar pesquisas de campo e entrevistas	Execução de tarefas
Trabalhar dados coletados			Capacidade de reflexão, síntese e registro	
Trabalhar dados coletados			Execução de tarefas	
4. Publicização	Preenchimento das Fichas do Inventário Pedagógico	Capacidade de reflexão, síntese e registro	Capacidade de reflexão, síntese e registro	
	Exposição dos resultados à comunidade	Planejar e executar estratégias para a exposição dos resultados à comunidade escolar	Planejamento e execução das estratégias	
	Redação do relato de experiência	Registro do professor	Avaliação de todo o processo, incluindo uma auto avaliação	
5. Avaliação	A avaliação será processual e permanente, conforme se vê na última coluna			

ANEXO IV: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Isabel (Orgs.). *Estudos de Complexidade*. São Paulo: Xamã, 2006.

ANDRADE, Luísa Teixeira. O curso dos conceitos: patrimônio cultural, práticas de memória e diversidade. *Anais*. XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. Disponível em: http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1398435897_ARQUIVO_TextoAnpuhRegional2014.pdf. Acesso em 09. set. 2019.

ARAÚJO, Ulisses F. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003, Coleção Cotidiano Escolar.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

FONSECA, Selva Guimarães. A nova LDB, os PCNs e o ensino de História. In: *Didática e prática de ensino de História*. 8 ed. Campinas: Papirus, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Cristiano Mauro Assis. *Apostando no desenvolvimento da inteligência: em busca de um novo currículo educacional para o desenvolvimento do pensamento humano*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HOUAISS, Antonio et al. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Guia prático de linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita da História. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). *Ler e escrever – compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Ed. UFRES, 2011.

_____. Teoria, metodologia de ensino de História. In: GUAZELLI, Cezar A. B. (Org). *Questões da Teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. UFRES, 2000.

A **Sequência de Ensino** apresentada baseia-se no modelo proposto pelo Professor Orlando G. Aguiar Júnior. O texto-referência encontra-se disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/minicursos/planej_de_ens/capa.htm. Acesso em: 09 set. 2019.

ANEXO V- PANDEMIA

O ano de 2020 ficará marcado na história da humanidade como o ano em que o mundo se viu ameaçado por uma grande pandemia. Não é possível contar o número de vezes que essa palavra foi falada, escrita e lida nos últimos meses. Mas o que é uma pandemia?

A palavra “pandemia” faz parte de nossa herança grega, e é formada pela junção de “pan” (todo, todos) e “demos” (povo). Assim, pandemia seria uma situação que atingiria todo o povo, todas as pessoas, todos os grupos. O termo “pan” é utilizado também nos esportes, como nos jogos Pan Americanos, por exemplo, um evento que reúne atletas das três partes do continente. Pandemia, atualmente, é o termo usado para designar doenças que têm potencial para atingir toda a população, todos os grupos. Como se explica a ocorrência de uma pandemia nesse início de século? Como é possível um vírus surgir e se espalhar rapidamente por toda a extensão da Terra, colocando em risco a saúde de todos os seus habitantes?

Começamos a busca de respostas para essas indagações conhecendo um pouco a história do vírus, o agente transmissor dessa doença. Há cento e cinquenta anos a palavra vírus, herança da antiguidade latina, representava a ideia de veneno, toxina⁴. Sua reintrodução no vocabulário científico se deu em 1728 para identificar um organismo que poderia causar uma doença infecciosa. O micro-organismo que atualmente relacionamos a esse nome começou a ser identificado em 1892, graças às invenções e aperfeiçoamento de equipamentos e aos conhecimentos científicos acumulados até aquele momento. Naquele ano o microbiologista russo *Dmitry Ivanovsky*, estudando o agente – um veneno ou toxina – que acometia o tabaco, conseguiu observar cristais formados por vírus. Esse fenômeno ficou conhecido como “Cristais de *Ivanovsky*”. Em 1898 o cientista holandês *Martin Beijerinck*, prosseguindo na mesma linha de estudos, descobriu outras características do novo organismo. *Martin* não conseguiu perceber que os cristais eram um agrupamento de vírus, assim como *Ivanovsky* ele acreditou que eram um ser único, indivisível. Porém suas pesquisas levaram-no a perceber que os cristais eram agentes infecciosos que só se

⁴ As informações sobre a história da descoberta e pesquisa sobre os vírus aqui apresentadas encontram-se no artigo “História da descoberta de vírus. Microbiologistas famosos”. Disponível em: <https://pt.sodiummedia.com/4065754-history-of-the-discovery-of-viruses-famous-microbiologists>. Acesso em 10 de março de 2021.

Sugerimos também a leitura dos seguintes artigos: SOUZA, Yara Lais; “Vírus”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biologia/os-virus/>. Acesso em 10 de março de 2021.

SILVA, Aline Oliveira. “Virologia”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biologia/virologia/>. Acesso em 10 de março de 2021.

reproduziam no interior de células vivas. Ele deu o nome de “micróbios vivos solúveis” àquelas partículas, mas depois voltou a usar o nome vírus. Nos primeiros anos do século XX cientistas conseguiram identificar o vírus na sua individualidade. Desde então os estudos sobre esses microrganismos continuam, e doenças como o Ebola e a AIDS são marcos na produção de conhecimento, devido à necessidade de respostas e soluções. Nesse momento há cientistas, em diversas instituições e laboratórios ao redor do mundo, ocupados com o Coronavírus.

Porém, desde os primórdios da humanidade, quando as doenças eram creditadas a entidades imateriais, ao destino ou à vontade dos deuses, os agentes infecciosos tais como vírus, bactérias e outros micro-organismos estão presentes na natureza, atingindo seres vivos, dentre os quais os seres humanos. Geralmente esses agentes são encontrados em determinados lugares e regiões, e atacam grupos de seres vivos específicos. Quando uma doença ocorre assim, de forma frequente em uma determinada região, diz-se que ela é endêmica⁵. Quando os agentes avançam sobre outras regiões, atingindo suas populações, ocorre uma epidemia. Nos casos extremos, quando as doenças expõem todo um universo populacional – de uma região, país, continente ou mesmo do mundo, como está ocorrendo agora, o fenômeno é classificado como pandemia.

Como as bactérias ganharam esse nome?

Alguns termos científicos têm origens bem pouco científicas. A palavra "bactéria", por exemplo, vem de *backterion*, que é o diminutivo da palavra grega *baktron*, que significa galho. Ao observar pela primeira vez as bactérias no microscópio, aproximadamente em 1847, os cientistas acharam-nas muito parecidas com galhinhos, e resolveram batizá-las de com um nome grego.
<https://www.dicionarioetimologico.com.br/bacteria/>

⁵ Para entender a diferença entre endemia, epidemia e pandemia consulte o artigo:

FRANÇA, Neuda Batista Mendes. “Endemia, Epidemia e Pandemia”. Disponível no endereço: <https://www.infoescola.com/doencas/endemia-epidemia-e-pandemia/>. Acesso em 10 de março de 2021.

Ao longo da história há registro de epidemias e pandemias, cada uma com escala e efeito compatíveis aos contextos nos quais ocorreram. Uma grande epidemia foi provocada no século XIV pela Febre Bubônica⁶, causada pela bactéria⁷ *Yersinia pestis*, endêmica da Ásia e da África. Essa bactéria se instala em pulgas, que por sua vez parasitam ratos que as levam ao contato com humanos. Uma vez picadas pelo inseto, as pessoas se contaminam e podem transmitir a doença através do ar que exalam, da saliva e outras secreções de seus corpos. No início do século XIV a

febre bubônica se espalhou pela Mongólia, partes da China, Síria, Mesopotâmia e Egito, matando em torno de 24 milhões de pessoas.

No ano de 1348 foram registrados os primeiros casos em Gênova e Veneza, cidades portuárias da península itálica. O agente infeccioso provavelmente veio nos navios que faziam as rotas comerciais do Mediterrâneo, ligando a Ásia, a África e a Europa. Existe também a teoria que relaciona a infestação do bacilo no território europeu a militares que participaram de conflitos em *Caffa*, colônia genovesa na Criméia, região que atualmente faz parte da Ucrânia.

As cidades portuárias italianas se destacavam pela sua grande população e movimentação, mas se igualavam às demais cidades europeias como um ambiente propício à disseminação do bacilo entre a população. Durante a Idade Média as cidades europeias eram sujas, não contavam com bons serviços de fornecimento de água potável, não havia coleta e tratamento de esgoto. Além disso as condições culturais e higiênicas da população eram muito precárias. A população

De onde surgiram os nomes Peste Negra e Febre Bubônica?

A peste era chamada de negra porque ela causava manchas negras na pele das pessoas, fruto das infecções provocadas pelo bacilo. Essa peste também ficou conhecida como bubônica por provocar bubões ou bubos, isto é, inchaços infecciosos no sistema linfático, sobretudo nas regiões das axilas, virilha e pescoço.

<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/peste-negra.htm#bacteria/>

⁶ A respeito da Peste Negra e Febre bubônica, favor consultar os artigos:

FERNANDES, Cláudio. “Peste negra: o que é, origem, causas e consequências”; *Mundo Educação (uol.com.br)*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/peste-negra.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

SILVA, Daniel Neves. “Peste negra: origem, como se difundiu, mortes”; *Brasil Escola (uol.com.br)*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-peste-negra-seculo-xiv.htm>. Acesso em 10 de março de 2021.

SILVA, Daniel Neves. “O que foi a Peste Negra?”; *Brasil Escola (uol.com.br)*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-peste-negra.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

REZENDE, Joffre Marcondes. “As grandes epidemias da história”; *SciELO*. Disponível em: books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-08.pdf. Acesso em 10 de março de 2021.

⁷ Para saber mais sobre bactérias leia: FERREIRA, Fabrício Alves. “História das bactérias”; *Brasil Escola (uol.com.br)*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/historia-das-bacterias.htm>. Acesso em 10 de março de 2021.

européia não estava preparada para conviver com as novas bactérias, tornando-se absolutamente vulnerável. Marinheiros, mercadores, comerciantes e pessoas que fugiam das cidades afetadas foram os principais agentes que levaram a doença para todo o continente, provocando uma das grandes mortandades que marcaram a história europeia. Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram um curto período de tempo, os historiadores afirmam que foram milhões, e que representaram um terço, um quarto ou mesmo metade da população.



Vítimas da Peste Negra com os característicos bubões em uma ilustração da Bíblia de *Toggenburgo*.

Os efeitos da Peste Negra foram nefastos para a Europa. A grande mortandade não significou apenas medo e sofrimento, pois morreram as pessoas que plantavam, que criavam animais, que faziam os mais diversos trabalhos. Morreram os responsáveis pela ordem – militares, governantes e políticos, morreram os que cuidavam da saúde do corpo, os poucos médicos, morreram padres e monges nos conventos totalmente infectados. A Europa teve que se reinventar, e apesar da falta de conhecimento, medidas como isolamento, uso de máscaras, luvas e capas de couro para evitar o contágio foram inovações do período. Veja na pintura abaixo uma cena de cremação de corpos, assistida por médicos usando capas de couro e máscaras que pareciam bicos de pássaros.



<https://www.shutterstock.com/pt/image-vector/terrible-doctors-plague-epidemic-horseman-death-1646564398>

Os médicos perceberam que o contágio se dava pelo contato com os infectados, perceberam que os cadáveres traziam perigos, e por isso deveriam ser queimados. Formas de prevenção como isolamento dos doentes e quarentena foram aconselhadas. Mas as causas da doença continuavam ignoradas, e o preconceito e misticismo creditavam a doença à ira divina, às bruxas e hereges, a grupos sociais como os judeus.

O Coronavírus, responsável pela doença conhecida como Covid 19, surgiu na China. As pesquisas indicam que o micro-organismo é endêmico entre algumas populações de animais, como morcegos e pangolins. O contágio com humanos se deu provavelmente em um mercado da cidade chinesa de Wuhan, onde se comercializam frutos do mar e animais selvagens – vivos ou abatidos, para o consumo de sua carne.



Mercado de frutos do mar e animais silvestres de Huanan, Wuhan, China. Fotos obtidas por Edward C. Holmes em outubro de 2014 – Foto: Reprodução/Cell <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1784-a-pandemia-de-covid-19-historia-politica-e-biologia.html#.YFY3c7CSnIU>. Acesso em 10 de março de 2021.

A evolução do Coronavírus dos corpos de animais selvagens para os corpos de habitantes de Wuhan e de Wuhan para o mundo foi rápida, um fenômeno bastante compreensível no mundo globalizado. O vírus se espalhou viajando em confortáveis cabines de aviões, levado por turistas, mulheres e homens de negócios, migrantes. A China está a menos de 24 horas de qualquer aeroporto.

Mas a Globalização não começou hoje, e pode ser responsabilizada pela morte de milhões de pessoas vítimas de pandemias. Quando os europeus – espanhóis e portugueses – começaram a conquista do Novo Mundo, na passagem do século XV para o XVI, o mundo começou a se globalizar. Não foram apenas humanos de etnias europeias e africanas que começaram a circular entre os diversos continentes a partir das conquistas coloniais. Os colonizadores europeus trouxeram às Américas negros escravizados, plantas, animais. De forma involuntária trouxeram também ratos, aves, sementes e esporos, micro-organismos. Leia um trecho de uma matéria publicada pelo jornal O Globo, de janeiro de 2018⁸:

⁸ “Após meio milênio, DNA identifica doença que dizimou 15 milhões de astecas”.

Exames encontraram a bactéria salmonela nos corpos de indígenas mortos. *O Globo*. 16 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/apos-meio-milenio-dna-identifica-doenca-que-dizimou-15-milhoes-de-astecas-22291753>. Acesso em 10/03/2021.

CIDADE DO MÉXICO — Quando Hernán Cortés chegou ao México, em 1519, existiam cerca de 30 milhões de indígenas na região mesoamericana. No fim daquele século restavam menos de dois milhões. As guerras provocaram muitas mortes, mas foram epidemias trazidas pelos invasores que dizimaram a população. Em 1545, o povo da nação Asteca começou a adoecer com febres altas, dores de cabeça e sangramento nos olhos, boca e nariz. A morte vinha em três ou quatro dias. A epidemia ficou conhecida entre os nativos como “*cocoliztli*”, mas somente agora, quase meio milênio depois, o culpado foi identificado: a salmonela.

Relatos históricos indicam que a “*cocoliztli*” — “pestilência”, na língua asteca — matou cerca de 15 milhões de astecas, cerca de 80% da população total. Por anos, cientistas tentaram identificar a doença causadora da epidemia, a segunda maior da história da Humanidade, atrás apenas da peste negra, que matou 25 milhões de pessoas apenas na Europa Ocidental no século XIV. Os colonizadores europeus trouxeram para a América novas doenças, como varíola, sarampo, tifo e caxumba. Sem defesas, os organismos dos indígenas sucumbiam rapidamente. Duas décadas antes da “*cocoliztli*” de 1545, uma epidemia de sarampo matou entre 5 milhões e 8 milhões de indígenas, logo após o desembarque dos europeus. Uma segunda epidemia, entre 1576 e 1578, matou metade da população restante, estimada em apenas 4 milhões. “Nas cidades e grandes vilas, valas foram escavadas. E da manhã ao pôr-do-Sol, os sacerdotes nada fazem além de carregar cadáveres e jogá-los nas valas”, escreveu o cronista *Frei Juan de Torquemada*.

Fenômenos correlatos ocorreram com os outros povos ameríndios, desde a Terra do Fogo até o Alaska. Milhões de nativos morreram logo após os primeiros contatos com os europeus, vítimas de **doenças** como varíola, sarampo, peste bubônica, influenza, tifo, difteria, febre escarlata entre outras.

Estudos recentes vêm trazendo novas interpretações para essa tragédia ameríndia. A partir dos anos 1980 historiadores e demógrafos começaram a argumentar que os agentes infecciosos

As doenças viajaram também no sentido contrário. Apesar de existirem evidências de que a Sífilis é uma doença já conhecida e documentada na Grécia Antiga, ela era endêmica nas Américas. Os navegantes que aqui chegaram com Cristóvão Colombo se contaminaram e levaram a doença para a Europa. A partir de 1495 a sífilis se espalhou a partir de cidades portuárias e daí contaminou, adoeceu e matou milhares de pessoas no Velho Mundo. Informações extraídas de:

Tripulação de Colombo levou sífilis para Europa, diz estudo | VEJA (abril.com.br). 27/12/2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/tripulacao-de-colombo-levou-sifilis-para-europa-diz-estudo/>. Acesso em 10/03/2021.

trazidos pelos conquistadores europeus não seriam suficientes para causar tanto dano às populações nativas. Eles argumentam que para além dos fatores biológicos, fatores sociais e políticos - pobreza, desnutrição, estresse social, deslocamento, desigualdade econômica e vulnerabilidade ambiental – contribuíram enormemente para o agravamento da situação. Citam o exemplo de populações indígenas que conviveram com missionários jesuítas na região Sul do Brasil, no Paraguai, Uruguai e Argentina, e que não sofreram tanto com essas doenças quanto povos de outras regiões⁹.

Esses estudos, feitos por pessoas de áreas diversas, incluindo a sociologia, chamam a nossa atenção para o fato de que as doenças, especialmente aquelas que se manifestam como pandemias, têm uma forte relação com fatores culturais. Elas resultam do cruzamento de fatores naturais, tais como a existência de agentes infecciosos, a predisposição de infectantes e infectados; fatores culturais, tais como a alimentação, higiene, as formas de se relacionar com o outro, o desenvolvimento científico e, por fim, fatores sócio-políticos, como a salubridade dos ambientes de moradia, de trabalho, dos espaços públicos, a capacidade das autoridades em garantir a assistência à saúde, a gestão de situações de crise.

O século XX também viveu uma pandemia, certamente a maior da história. Durante a Primeira Guerra Mundial o vírus H1N1, conhecido como Influenza, passou por mutações. Esse vírus contaminava aves, mas acredita-se que passou a infectar porcos e desses mamíferos chegou aos humanos. Essa pandemia ficou conhecida como Gripe Espanhola¹⁰, e é considerada a maior ocorrida na história até então. Manifestou-se em todos os continentes, deixou um saldo de mais de 50 milhões de mortos e atingiu mais de um terço da população mundial. Nesse episódio podemos ver com clareza como fatores políticos e sociais fazem parte do comportamento das pandemias, a

⁹ Maiores informações sobre essa teoria podem ser encontradas no artigo:

WAIZBORT, Ricardo, “A pandemia de Covid-19: história, política e biologia”; *Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ*. Disponível em: coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1784-a-pandemia-de-covid-19-historia-politica-e-biologia.html#.YEjgEyuSnIX. Acesso em 10/03/2021.

¹⁰ As informações sobre a Gripe Espanhola aqui apresentadas foram extraídas dos artigos:

SILVA, Daniel Neves. “Gripe Espanhola”; *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/gripe-espanhola.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

ARAÚJO, Felipe. “Gripe Espanhola”; *Info Escola*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/doencas/gripe-espanhola/>. Acesso em 10 de março de 2021.

SILVA, Daniel Neves. “Gripe espanhola”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/i-guerra-mundial-gripe-espanhola-inimigos-visiveis-invisiveis.htm>. Acesso em 10 de março de 2021.

Nascimento, A. F. (2020). “A atualidade turística do caso da Gripe Espanhola na cidade do Rio de Janeiro” (Sept. 1918 - Mar. 1919). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo*, 14 (3), p. 176-188, set./dez. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i3.2068>. Acesso em 11 de março de 2021.

começar pelo nome da doença. A doença surgiu em plena Primeira Guerra Mundial, provavelmente em campos de treinamento militar dos Estados Unidos, embora haja a suspeita que possa também ter surgido na China ou no Reino Unido. Sabe-se que a gripe se espalhou na Europa a partir da chegada de soldados norte-americanos. O fato de a doença ter surgido no meio militar, e ter sido letal para pessoas entre os 20 e 35 anos de idade fez com que a imprensa dos países envolvidos no conflito fosse proibida de tratar da pandemia, pois isso poderia ter um efeito negativo para a moral das tropas, dentre outras questões de caráter estratégico. A Espanha não estava envolvida nos conflitos e sua imprensa foi a grande divulgadora de informações para o mundo, por isso a gripe ficou conhecida como “Espanhola”. Essa pandemia teve três “ondas” de contágio entre março de 1918 e maio de 1919.

A segunda onda foi a mais letal, e atingiu os outros continentes, chegando ao Brasil em setembro de 1918 a bordo do navio inglês Demerara. Entrando pelos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, a Gripe Espanhola rapidamente se espalhou pelo território nacional, poupando apenas a Ilha de Marajó, lugar muito isolado naquela época. As grandes cidades foram as mais atingidas, devido à grande aglomeração de pessoas. Em São Paulo houve mais de 350.000 infectados, aproximadamente metade da população da cidade, e foram registradas 5.331 mortes. O Rio de Janeiro tinha um milhão de habitantes, dos quais 600.000 foram infectados. As estatísticas apontam entre 12.000 e 15.000 vítimas fatais, o que representaria um terço dos falecimentos ocorridos no Brasil. O número de vítimas fatais foi tão grande que em muitas cidades faltaram caixões e sepulturas nos cemitérios. Há alguns anos ouvi dois depoimentos de descendentes de sobreviventes da Gripe Espanhola. Uma senhora, filha de uma moradora de Belo Horizonte, ouviu sua mãe dizer que durante aquela pandemia as caminhões, a serviço da prefeitura, rodavam pela cidade recolhendo cadáveres que eram entregues pelas famílias. O neto de um morador de Além Paraíba, cidade mineira da Zona da Mata, ouviu de seu avô que durante a Gripe Espanhola carroceiros contratados pela prefeitura passavam nas casas para ver se havia cadáveres para recolher. Quando acontecia de não serem recebidos em alguma casa tinham autorização para arrombarem a porta, pois havia o risco de toda a família ter falecido. No Rio, Rodrigues Alves, eleito presidente da República em 1918, morreu antes de tomar posse.

O Rio de Janeiro se firmava como um dos grandes pontos turísticos do mundo no início do século XX, e essa atividade econômica também foi afetada pela pandemia. A literatura registrou os horrores da Gripe Espanhola. O artigo “A atualidade turística do caso da Gripe Espanhola na cidade do Rio de Janeiro” cita o seguinte trecho de “Chão de Ferro”, do memorialista Pedro Nava:

Era apavorante a rapidez com que ela ia da invasão ao apogeu, em poucas horas, levando a vítima às sufocações, às diarreias, às dores lancinantes, ao letargo, ao coma, à uremia, à síncope e à morte em algumas horas ou poucos dias. Aterrava a velocidade do contágio e o número de pessoas que estavam sendo acometidas. Nenhuma de nossas calamidades chegara aos pés da moléstia reinante: o terrível já não era o número de casualidades — mas não haver quem fabricasse caixões, quem os levasse ao cemitério, quem abrisse covas e enterrasse os mortos. O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes e impossibilitados de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva. (In; NASCIMENTO, 2020).

Naquela época os conhecimentos sobre os vírus ainda eram incipientes, ainda era difícil identificar o micro-organismo na maior parte dos microscópios existentes. O tratamento era feito como se fosse uma gripe comum, não existiam antibióticos para as infecções causadas pela gripe espanhola. A Aspirina foi o remédio mais indicado, e muitos pacientes sofreram reações negativas com as altas doses ingeridas. A maior parte dos países, incluindo o Brasil, não possuía sistemas públicos de saúde, e a rede hospitalar em quase todo o mundo ficou rapidamente saturada. Todos esses fatores contribuíram para aumentar a letalidade do vírus.

O Congresso e o Senado nacionais foram fechados, as autoridades orientaram as pessoas a evitarem aglomerações. Escolas, repartições públicas, bares, restaurantes e teatros foram fechados, muitas pessoas passaram a usar máscaras. Notícias falaciosas propalando remédios e terapias para o combate à pandemia - caldo de galinha, quinino, ovos e limão – foram anunciadas até na imprensa.



Militares norte-americanos usando máscaras. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/gripe-espanhola.htm>

Assim como começou a infectar as pessoas repentinamente em 1918, o vírus perdeu a sua letalidade em 1919. Acredita-se que o seu desaparecimento está relacionado ao desenvolvimento de anticorpos na grande parcela da população infectada.

Que tipo de aprendizado essas informações sobre algumas epidemias e pandemias que acometeram alguns povos ou toda a humanidade podem nos trazer? De que forma esse conhecimento pode nos auxiliar a vivenciar a pandemia do Covid 19? Observemos que o fenômeno da pandemia não pode ser compreendido se restringirmos nosso olhar à dimensão biológica. Embora todas as epidemias e pandemias sejam provocadas por micro-organismos como os vírus ou bactérias, dentre outros, há mais fatores, geralmente relacionados à ação humana, que influenciam diretamente a dinâmica das infestações e as suas consequências. A história tem mostrado que, de um modo geral, a mudança do status de doença endêmica para epidêmica ou mesmo pandêmica é o resultado de alguma ação humana, seja a introdução de pessoas em um novo ambiente – o habitat de vetores de transmissão como mosquitos, por exemplo, a alteração de ambientes, como a derrubada de florestas ou aterramento de áreas pantanosas, que obrigam algumas espécies a migrarem para ambientes urbanos. A economia, responsável pelo trânsito de cargas, incluindo seres vivos, por todo o planeta, permitiu, principalmente nos últimos 500 anos, que seres vivos que permaneceram por milhões de anos em áreas restritas, fossem levados para os cinco continentes, com seus comensais e parasitas. Além disso, como vimos, navios, caminhões, trens, automóveis e aviões levam “passageiros” clandestinos, vezes escondidos ou mesmo invisíveis. É comum esses

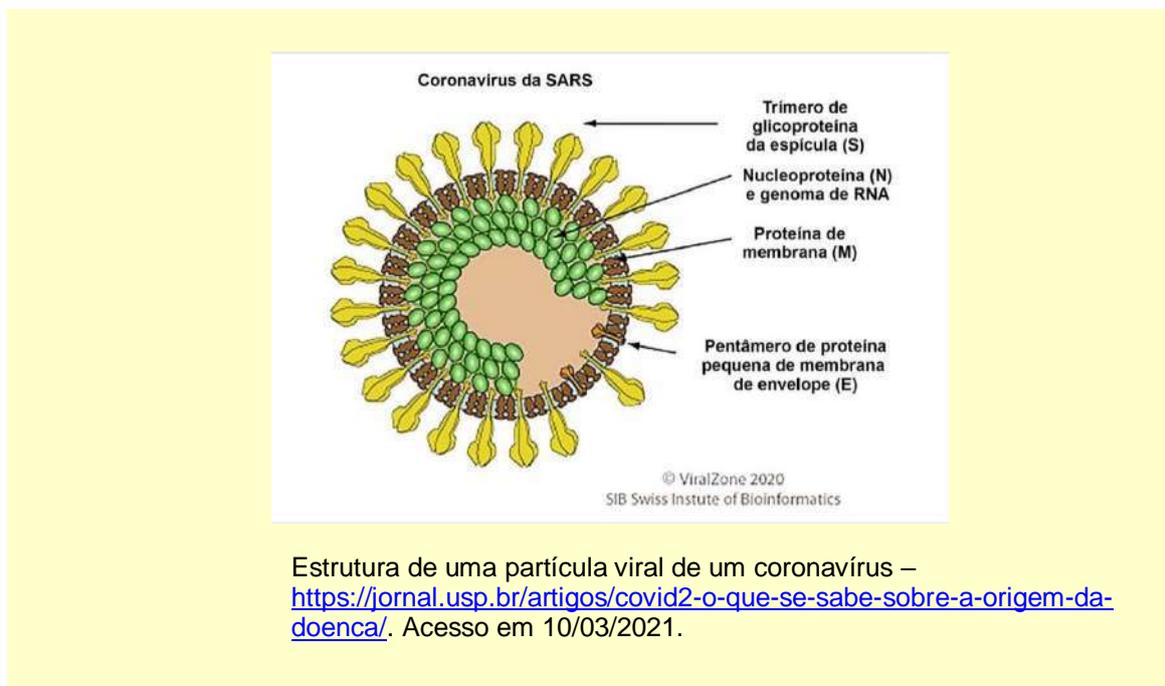
seres chegarem em um novo ambiente sem inimigos naturais, onde as populações – humanos, outros animais ou vegetais - não possuem anticorpos para combatê-los. A tragédia dos astecas e outros povos ameríndios é um triste exemplo desse fenômeno.

As epidemias e pandemias têm consequências econômicas e políticas também, pois esses grandes surtos de doença não se fazem sentir apenas sobre as pessoas. Elas afetam a economia, como observamos na Europa durante a Peste Negra, quando cidades ou regiões inteiras perderam grande parte de suas populações, afetando seriamente a produção de alimentos, a prestação de serviços, a segurança e a administração públicas. Observem nos jornais e nas redes sociais as reações causadas pelas orientações de algumas das nossas autoridades sobre o fechamento total ou parcial de atividades econômicas, de escolas, de locais de lazer. Sabemos quais são os efeitos do isolamento social para a economia de um país?

Fatores culturais, como hábitos alimentares ou a relação das pessoas com a natureza, com os animais, levam muitas vezes à adaptação de alguns agentes patológicos à infestação de humanos. O Covid 19 é uma mutação de um vírus que infecta animais na Ásia. Acredita-se que pessoas foram infectadas ao consumirem a carne desses animais, ou através do contato com seu sangue, fezes, urina ou outros fluídos corporais. Há muitos estudos que apontam que o HIV, agente que provoca a AIDS, é uma mutação de um vírus endêmico entre macacos africanos que foi transmitido aos humanos a partir de atos sexuais. Os ritos funerários de muitos povos africanos atingidos pela epidemia provocada pelo vírus Ebola foram um dos fatores responsáveis pelos altos índices de infecção da doença. Esses povos tinham o costume de fazer celebrações com a presença do morto, lavavam os cadáveres, tocavam-lhes, o que facilitava o contágio de familiares e integrantes dos grupos, das tribos.

Aqui aparece outro aspecto importante, a atuação da ciência. Mesmo em períodos nos quais as pessoas não tinham como imaginar a existência de seres microscópicos as pandemias levaram à observação de hábitos, do comportamento das doenças e dos doentes. Sempre houve produção de conhecimento nessas crises, sempre houve embates entre pessoas com concepções de mundo diferentes, preconceitos e dogmas foram confrontados. Assistimos assustados grupos negacionistas, muitas vezes com representantes entre autoridades que deveriam cuidar da saúde pública, criticando e até procurando impedir o trabalho da ciência, da medicina, dos profissionais que traçam estratégias para conter o avanço da pandemia. Felizmente temos o outro lado, pois há pouco mais de um ano do registro dos primeiros casos do Covid 19 já temos algumas dezenas de

vacinas sendo aplicadas com sucesso ao redor do mundo. Quanto conhecimento e trabalho são necessários para se conhecer um vírus e saber como produzir um medicamento que ajuda nosso corpo a combatê-lo? A produção de uma imagem como a apresentada a seguir representa mais de cem anos de estudos.



Hoje, na terceira década do século XXI, quando o mundo cabe na tela do celular, nanos robôs fazem operações há pouco apenas sonhadas e máquinas inteligentes pousam na superfície de Marte, muitos de nós se sentem tão assustados como os europeus do século XIV ou outras vítimas de pandemias do passado. No mês de março de 2021 completamos um triste e estranho ano sob a tragédia promovida pelo Covid 19, esse vírus que paira sobre nossas vidas, alterando nossa rotina, mudando o mundo. O que estamos aprendendo com tudo isso? Como devemos proceder diante desse novo cenário, tanto na condição de cidadãos, expostos à pandemia, quanto na condição de profissionais da educação, responsáveis pelo ensino e aprendizagem nesses novos tempos?

Nossa proposta original, formulada no final do ano de 2019, era realizarmos um trabalho que teria como foco a identificação de referências ou bens culturais na localidade onde se situam as escolas. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) essas referências ou bens culturais se dividem em cinco categorias: Lugares, Objetos, Celebrações, Formas de Expressão e Saberes. Agora, em 2021, convidamos vocês, professoras e professores, a realizarem um trabalho que leve à reflexão sobre a cultura em tempos de pandemia. Partindo do princípio de que a cultura é viva, que ela é o suporte e, ao mesmo tempo, o resultado de nossas

ações no mundo, lançamos a seguinte pergunta: Qual é o conceito de cultura, considerando as vivências e experiências das pessoas no período de pandemia?

O que permaneceu e o que mudou na nossa relação com os lugares, os objetos, as celebrações, as formas de expressão e os saberes que compõem o nosso universo cultural? Como essas questões podem orientar a formulação do currículo escolar, a proposição de projetos, o planejamento das ações pedagógicas?

Propomos que o trabalho que agora se inicia seja um caminho para a construção de respostas para essas e mais questões que sejam apresentadas por vocês. Sigamos juntos.

Carlos Augusto Mitraud

Córregos, Conceição do Mato Dentro, 12/03/2021.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Felipe. “Gripe Espanhola”; Info Escola. Disponível em:

<https://www.infoescola.com/doencas/gripe-espanhola/>. Acesso em 10 de março de 2021

FERNANDES, Cláudio. “Peste negra: o que é, origem, causas e consequências”; Mundo Educação (uol.com.br).

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/peste-negra.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

FERREIRA, Fabrício Alves. “História das bactérias”; Brasil Escola (uol.com.br). Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/historia-das-bacterias.htm> . Acesso em 10 de março de 2021.

FRANÇA, Neuda Batista Mendes. “Endemia, Epidemia e Pandemia”. Disponível no endereço:

<https://www.infoescola.com/doencas/endemia-epidemia-e-pandemia/>. Acesso em 10 de março de 2021

NASCIMENTO, A. F. (2020). “A atualidade turística do caso da Gripe Espanhola na cidade do Rio de Janeiro” (Sept. 1918 - Mar. 1919). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo*, 14 (3), p.

176-188, set./dez. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i3.2068>. Acesso em 11 de março de 2021

REZENDE, Joffre Marcondes. “As grandes epidemias da história”; Scielo. Disponível em:

<books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-08.pdf>. Acesso em 10 de março de 2021

SILVA, Aline Oliveira. “Virologia”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biologia/virologia/>. Acesso em 10 de março de 2021

SILVA, Daniel Neves. "Gripe espanhola"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/i-guerra-mundial-gripe-espanhola-inimigos-visiveis-invisiveis.htm>. Acesso em 10 de março de 2021.

_____ “Gripe Espanhola”; Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/gripe-espanhola.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

_____ “O que foi a Peste Negra?”; Brasil Escola (uol.com.br). Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-peste-negra.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

_____ “Peste negra: origem, como se difundiu, mortes”; Brasil Escola (uol.com.br). Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-peste-negra-seculo-xiv.htm>. Acesso em 10 de março de 2021

SOUZA, Yara Lais; “Vírus”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biologia/os-virus/>. Acesso em 10 de março de 2021

WAIZBORT, Ricardo, “A pandemia de Covid-19: história, política e biologia”; Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ. Disponível em: coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1784-a-pandemia-de-covid-19-historia-politica-e-biologia.html#.YEjgEyuSnIX. Acesso em 10/03/2021

S/A. “História da descoberta de vírus. Microbiologistas famosos”. Disponível em: <https://pt.sodiummedia.com/4065754-history-of-the-discovery-of-viruses-famous-microbiologists>. Acesso em 10 de março de 2021

O Globo. 16 de janeiro de 2018. “Após meio milênio, DNA identifica doença que dizimou 15 milhões de astecas”. Exames encontraram a bactéria salmonela nos corpos de indígenas mortos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/apos-meio-milenio-dna-identifica-doenca-que-dizimou-15-milhoes-de-astecas-22291753>. Acesso em 10/03/2021

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES



APOIO:



REALIZAÇÃO:



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

